

**Neuza Marconato**

**MULHERES PROFESSORAS:  
O SER E O FAZER NA INSERÇÃO PROFISSIONAL**

**Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Engenharia de Produção da  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Como requisito parcial para obtenção  
Do grau de Mestre em  
Engenharia de Produção**

**Orientador: Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr.**

**Florianópolis  
2002**

<b>FICHA CATALOGRÁFICA</b>	
Marconato, Neuza, 1960-	
M333m	Mulheres professoras : o ser e o fazer na inserção profissional./ Neuza Marconato.— Florianópolis, 2002. 86p. : color. Bibliografia. Anexos Orientador: Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Santa Catarina — Engenharia de Produção. 1. Mulher — Qualidade de vida. 2. Educação — Trabalho. 3. Mulheres como professoras. 4. Educadoras — Qualidade de vida. 5. Professores — Qualidade de vida. I. Título. CDU: 37 Iraci de Fátima Pereira CRB 14º/444

**Neuza Marconato**

**MULHERES PROFESSORAS:  
O SER E O FAZER NA INSERÇÃO PROFISSIONAL**

Esta Dissertação foi julgada e aprovada para a  
obtenção do grau de **Mestre em Engenharia de  
Produção** no **programa de Pós – Graduação em  
Engenharia de Produção** da  
Universidade Federal de Santa Catarina

**Florianópolis, 20 de maio de 2002**

Prof. Ricardo Miranda Barcia, Dr.  
Coordenador do Programa

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Eugenio Merino, Dr.**  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

**Prof. Francisco Antonio P. Fialho, Dr.**  
Universidade Federal de Santa Catarina  
**Orientador**

---

**Prof<sup>a</sup> Christianne C. de S. R. Coelho, Dr<sup>a</sup> .**  
Universidade Federal de Santa Catarina

***Dedicatória***

***À ti.***

## ***Agradecimentos***

A Deus, pelos momentos de reflexão que permitiram a articulação e organização dos conteúdos que fluíram durante o processo de estruturação desta pesquisa;

A meus pais Sibilla e Valdemar, meus irmãos Neida e Júlio, por acreditarem no amor e na vida;

A meu esposo Dorival, pelo incentivo;

Aos amigos, pessoal que guardo sob sete chaves dentro do coração pelo apoio humano;

Ao Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho que como orientador dispôs-se a vivificar, alimentar e solidificar minha vivência de pesquisadora;

A Thais – Isinha, uma das razões por eu acreditar no amor;

A minha amiga Bernadette, raio de luz e persistência;

A Catarina de Fátima pelo ânimo e amizade;

A Marli, pela parceria;

Aos membros da Secretaria da Educação de Itajaí, por acreditarem na possibilidade desta conquista;

Aos diretores e professores da Escola de Educação Básica Deputado Nilton Kucker, por serem partícipes de minha pesquisa;

Aos mestres e doutores professores, pela construção do conhecimento.

Eis a fábula do velho que estava sentado à entrada de uma cidade e foi abordado por um estranho. “Como são as pessoas nesta cidade?”. – Perguntou o forasteiro. “Como eram as pessoas na última cidade em que você esteve?” – Replicou o velho.

“Eram maravilhosas. Eu era muito feliz lá. Eram bondosas, generosas e sempre ajudam quando alguém estava em dificuldade”.

“Você achará as pessoas daqui muito parecidas”.

O velho foi abordado por outro forasteiro. “Como são as pessoas nesta cidade?” – Perguntou o segundo estranho.

“Como eram as pessoas na última cidade em que você esteve?” – Replicou o velho.

“Era um lugar horrível. As pessoas eram mesquinhas, mas, ninguém ajudava ninguém”.

“Creio que você achará as pessoas daqui muito parecidas”, disse o velho.

(Robert Clifford)

## Resumo

**MARCONATO, Neuza. MULHERES PROFESSORAS: O Ser e o Fazer na Inserção Profissional** 2002. 86f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

Esta pesquisa caracteriza a inserção profissional da mulher na educação formal, nas escolas públicas, em particular, na Escola de Educação Básica Deputado Nilton Kucker, Itajaí (SC). Foram tomados especificamente os dados em relação a inserção pessoal, social e profissional destes sujeitos ativos no magistério. Descreve-se a multiplicidade de conhecimentos, enfocando a inserção feminina no contexto social, pontuando a participação da mulher na construção do conhecimento, a interferência da mulher professora nos rumos do crescimento social. Na continuidade, aborda-se a efetiva participação da professora no contexto educacional otimizando os ambientes profissionais; as questões inter e intrapessoais, tratam da importância desta profissional conseguir gerenciar uma melhor qualidade de vida. Para tanto, se fez necessário, salientar o ser e o fazer das professoras, objetivando reunir e organizar o conjunto de informações relevantes ao contexto da realização do estudo. As percepções permitiram diagnosticar que as professoras inseridas profissionalmente, em escolas públicas, vivem um momento de transição, ocasionado, em grande parte, pela política atual de reordenamento da Educação Básica. Buscou-se significar a influência e interferência da mulher no contexto sócio-educacional, evidenciando a premência do ser no fazer na trajetória da inserção docente, enfatizando-se assim, a percepção que a professora tem sobre sua qualidade de vida.

### Palavras Chave:

Mulher – professora – qualidade de vida – trabalho - educação

## Abstract

**MARCONATO, NEUZA. WOMEN TEACHERS: The to Be and Doing in the Professional Insert** 2002. 86f. Dissertation (Master's degree in Engineering of Production) - Program of Masters degree in Engineering of Production, UFSC, Florianópolis.

This research characterizes the woman's professional insert in the formal education, in the public schools, in matter, in the School of Basic Education Deputed Nilton Kucker, Itajaí (SC). they were specifically taken the data in relation to insert personal, social and professional of these active subjects in the teaching. The multiplicity of knowledge is described, focusing the feminine insert in the social context, punctuating the woman's participation in the construction of the knowledge, the woman teacher's interference in the directions of the social growth. In the continuity, the teacher's effective participation is approached in the educational context optimizing the professional atmospheres; the subjects inter and intrapersonal, treat of this professional's importance to get management a better life quality. For so much, it was done necessary, to point out the to be and doing of the teachers, aiming at to gather and to organize the group of important information to the context of the accomplishment of the study. The perceptions allowed to diagnose that the teachers inserted professionaent, in public schools, live a moment of transition, caused, largely, for the current politics of reorder of the Basic Education. It was looked for to mean the influence and the woman's interference in the partner-educational context, evidencing the urgency of being in doing in the path of the educational insert, being emphasized like this, the perception that the teacher has about your life quality.

Key-words:

Woman - teacher - life quality - work - education

## SUMÁRIO

Lista de figuras.....	p.9
Lista de abreviaturas, siglas e símbolos.....	p.11
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	p.12
1.1 Apresentação do tema de pesquisa.....	p.12
1.2 Formulação do problema de pesquisa.....	p.13
1.3 Justificativa e relevância do trabalho.....	p.14
1. Hipótese.....	p.17
1.4.1 Hipóteses estabelecidas para este estudo.....	p.17
1.5 Objetivos pesquisa.....	p.17
1.5.1 Objetivo geral.....	p.17
1.5.2 Objetivos específicos.....	p.18
1.6 Metodologia da pesquisa .....	p.18
1.7 Caracterização da pesquisa.....	p.20
1.8 Abrangência da pesquisa. Encontro com os sujeitos ativos.....	p.21
1.9 A Escolha dos sujeitos ativos.....	p.21
1.10 A coleta de dados.....	p.22
1.11 Registro e tratamento dos dados coletados.....	p.23
1.12 Limitações do trabalho.....	p.23
1.13 Descrição dos capítulos.....	p.24
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>2 REFERENCIANDO AUTORES</b> .....	p.25
2.1 Multiplicidade de Conhecimentos: Inserção Feminina no Contexto Social.....	p.25
2.2 Trabalho: Atividade Física e Intelectual.....	p.33
2.3 Reacompondo Fazeres: A Mulher No Mercado De Trabalho.....	p.36
2.4 Perpectivas de Transformações: A mulher no Magistério.....	p.42
2.5 Escola Erros/Acertos: Possibilidades.....	p.44
2.6 Qualidade e Qualidade de Vida da Profissional Mulher.....	P.47
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>3 EXPOSIÇÃO DA PESQUISA REALIZADA</b> .....	p.53
3.1 Resultado da Pesquisa, Discussão e Análise dos Dados .....	p.53
3.2 Dados Gerais dos Sujeitos Ativos.....	p.53
3.3 Da Individualidade: As Questões Inter e Intrapessoais.....	p.55
3.4 O Profissionalismo: Inserção no Mundo do Trabalho.....	p.68
3.5 Do Social: Influências e Interfências.....	p.75
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>4 O DESPEDI-SE DE UM TEMPO DE INTERAÇÃO COM A PRÁTICA PROFISSIONAL DE MULHERES PROFESSORAS</b> .....	p.81
4.1 Conclusões e Recomendações para Futuros Trabalhos.....	p.81
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	p.87
<b>ANEXOS</b>	





## LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Rede profissional	p.12
Figura 2:	Metamorfose	p.14
Figura 3:	Interação social	p.16
Figura 4:	A evolução	p.18
Figura 5:	A busca	p.20
Figura 6:	A interação	p.21
Figura 7:	A docência	p.22
Figura 8:	Parâmetros	p.23
Figura 9:	Perspectivas de elaboração	p.24
Figura 10:	A projeção	p.25
Figura 11:	Sustentabilidade determinante	p.26
Figura 12:	O embricamento sócio-profissional	p.27
Figura 13:	O período de transição	p.28
Figura 14:	Prioridades	p.28
Figura 15:	A trajetória intelectual	p.29
Figura 16:	Prática transformacional	p.31
Figura 17:	Divergência social	p.34
Figura 18:	Equilíbrio sustentável	p.35
Figura 19:	A mulher emergente no mercado de trabalho	p.38
Figura 20:	A educação como eixo mercadológico	p.41
Figura 21:	A fusão histórica	p.42
Figura 22:	A multiplicação de fazeres	p.44
Figura 23:	A observação do contexto	p.44
Figura 24:	A diversidade	p.46
Figura 25:	Situações de aprendizagem	p.46
Figura 26:	Qualidade de vida	p.49
Figura 27:	O reconhecimento profissional pelo esforço pessoal	p.51
Figura 28:	O encontro com a realidade	p.53
Figura 29:	O ser e o fazer	p.54
Figura 30:	O inter e o intrapessoal	p.55
Figura 31:	A conexão com o saber	p.56
Figura 32:	O ser mulher é inerente ao contexto	p.60
Figura 33:	A subjetividade humana	p.62
Figura 34:	O foco	p.66
Figura 35:	A balização	p.68
Figura 36:	A representatividade histórica	p.70
Figura 37:	Em busca da superação	p.71
Figura 38:	Interferências formuladas	p.75
Figura 39:	Expressão significativa	p.76
Figura 40:	Visão determinante	p.79
Figura 41:	O percorrer estrutural	p.80
Figura 42:	O reconhecimento do processo	p.81

Figura 43: A legitimidade constituída	p.82
Figura 44: A realidade permeável	p.83
Figura 45: A auto-definição pedagógica	p.84
Figura 46: Em busca da percepção do ser e do fazer	p.86

## Lista de abreviaturas, siglas e símbolos

### Abreviaturas

Org = Organizador  
Cord = Coordenador

### Siglas

SC Santa Catarina  
CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação  
UNESCO United Nations Educational Scientific and Cultural Organization  
INST Instituto Nacional de Saúde no Trabalho  
CEDIM Conselho Estadual dos Direitos da Mulher

### Símbolos

& e

## CAPÍTULO 1

### 1 INTRODUÇÃO

#### 1.1 Apresentação do tema de pesquisa

Na dialética das práticas resultantes do processo formas de compreensão-ação e prestação de serviços, dentre eles a educação, percebe-se a exigência imposta ao profissional: transposição dos limites e obstáculos para aquisição do saber, que o identificará no percurso pessoal e profissional, no qual o educador está inserido e assim, poderá construir seu projeto de vida, imprimir seus desejos, ensaiar e traçar sua profissão.

Neste contexto, pode-se considerar o progresso como condição histórica, força definidora que impele as nações a reformularem seus planos de governo em detrimento do crescimento social, renovando constantemente a técnica, o trabalho, o produto, a qualidade de vida. Esta abordagem defende a criatividade, a inovação e o esforço pessoal para o viver em consonância com a evolução, estruturando um projeto pessoal e profissional que atenda as múltiplas exigências da sociedade e envolvam o ser humano numa práxis que integre os avanços científicos e as energias embricadas nas relações sociais advindas da necessidade do ser feliz. Assim, gerenciar, como diz Delors (2000, p.lxxxii):

O passaporte para a vida [...], compreender melhor a si mesmo e aos outros e, assim, a participar na obra coletiva e na vida em sociedade [...], a aceção mais ampla possível, incluindo um conjunto de conhecimentos e de competências indispensáveis na perspectiva do desenvolvimento humano.

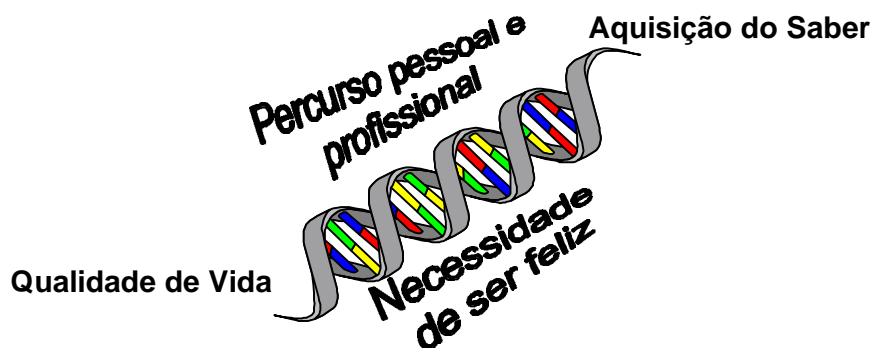



 Figura 1. Rede profissional

Nesta prospectiva, se faz necessário discorrer sobre qualidade de vida da mulher por entender ser o principal agente de culminância na vida do ser humano. Assim sendo, as necessidades e tendências de participação na vida em sociedade podem implicar estar envolvido em diferentes contextos, bem como, acreditar em si mesmo e transformar-se em articuladores vitais da equidade entre homens e mulheres pois, nos moldes de crescimento econômico, social e educacional, a inserção da mulher no mercado de trabalho concentra-se na ampliação das condições de escolha, na auto-realização, na síntese das opções pessoais, nas transformações das relações sociais, na melhora significativa de sua qualidade de vida.

Diante desta realidade, cabe ressaltar que grande número de mulheres exerce sua profissão no magistério. Cenário este, que demonstra os versos e reversos do exercício profissional; dentre os quais encontram-se educadores realizados profissionalmente e outros simplesmente como prestadores de serviços, divididos entre o medo e a coragem, a iniciativa e a omissão, a rotina e a mudança, a teoria estipulada e convicções construídas e elaboradas a partir de práticas e experiências vivenciadas no exercício profissional.

Atenta a este contexto, procuro inserir a presente proposta de dissertação, objetivando **investigar a mulher professora no exercício de suas funções para identificar quais aspectos influenciam e/ou definem sua qualidade de vida**. A partir, de uma abordagem educacional enfatizando as características da individualidade: as questões inter e intra-pessoais; do profissionalismo: inserção no mercado de trabalho; do social: influências e interferências.

## 1.2 Formulação do problema de pesquisa



Definitivamente, a mulher sempre interviu nas relações sociais, seja de maneira direta ou indireta. Desta maneira, desempenha funções históricas nos rumos dos movimentos sociais que desembocam na universalidade de direitos e fazeres, tanto pessoais como profissionais hierarquicamente determinados.

No entanto, um dos pré-requisitos primordiais continua sendo a compreensão deste humano em evolução que auto desafia a viver. Pimentel & Emanuel (2000, p.xcii) ilustram que:

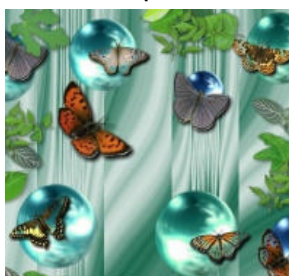
Viver significa estar envolvido ativamente com as nossas escolhas. As forças internas e externas são as determinantes para que o homem assuma o comando de querer mudar as coisas e acreditar em si mesmo [...], modificação e crescimento se dão ao arriscar-se e experimentar constantemente.

Acreditando na compreensão de que qualidade de vida é um marco de referência para o exercício profissional que poderá definir as condições físicas e sociais em que a profissão é exercida; observando-se que o cultivo pessoal, aperfeiçoamento e realização profissional entrelaçam inúmeras variáveis e tomando-se por base as condições que viabilizam a compreensão do tema e da problemática investiga-se respostas para a seguinte questão de pesquisa: **De que forma as mulheres profissionais inseridas na educação formal da Escola de Educação Básica Deputado Nilton Kucker no município de Itajaí (SC), gerenciam sua qualidade de vida?**

Nesta perspectiva, o presente estudo desencadeará a análise do exercício profissional das mulheres no magistério, enfatizando as possibilidades de variáveis pessoais, sociais e culturais.

### 1.3 Justificativa e relevância do trabalho

As transformações sociais ocorridas no século XX alavancaram o advento feminino do período de submissão e neutralidade, à participação ativa a alternativa de igualdade, o desafio como processo de reversão de fronteiras sócio-culturais entre os sujeitos inseridos na educação. "Capra (1982, p.xxiv-v) discorre sobre este enfoque dizendo que:



Um desafio do ambiente natural ou social provoca uma resposta criativa numa sociedade, ou num grupo social, a qual induz essa sociedade a entrar no processo de civilização. A civilização continua a crescer quando sua resposta bem sucedida ao desafio inicial gera um ímpeto cultural que leva a sociedade para além de um estado de equilíbrios, que então se rompe e se apresenta como um novo desafio. Desse modo, o padrão inicial de desafio-e-resposta é repetido em sucessivas fases de crescimento, pois cada resposta bem-sucedida produz um equilíbrio que requer novos ajustes criativos.

Figura 2. Metamorfose

Assim, percebe-se que o acelerado avanço científico e tecnológico tem possibilitado mudanças subjacentes na sociedade dando-lhe novas configurações e assim, oportuniza as mulheres emergir nos diversos segmentos sociais, avançar na qualificação profissional e social; estes fenômenos, de variáveis inovações, acarretam reflexos na cultura e no conhecimento, gerando assim, inseguranças estabelecidas.

Este contexto, evolucionista e complexo, gera nos diversos segmentos da vida da mulher interferências tanto positivas quanto negativas, concebendo e validando sua presença e influência no contexto educacional, não meramente como um reservatório de saberes que atenda necessidades provenientes das influências das Revoluções Industriais onde se armazenavam conhecimentos procedentes de 'seres iluminados', e a mulher professora repassava saberes em pequenas doses temperadas com neutralidade tanto pessoal quanto social. Esta noção do trabalho da professora de simplesmente transmitir informações e conhecimentos na 'era do conhecimento', torna-se irrelevante, descontextualizado e fragmentado pois, como aponta Delors (2000, p.clvii) as informações e conhecimentos consistem em:

[...] apresentá-los sob a forma de problemas a resolver, situando-os num contexto e colocando-os em perspectiva de modo que o aluno possa estabelecer a ligação a sua solução e outras interrogações mais abrangentes.

Sendo as mulheres partícipes em maior escala no processo de escolarização, é premente investigar sua qualidade de vida no exercer de suas funções pedagógicas.

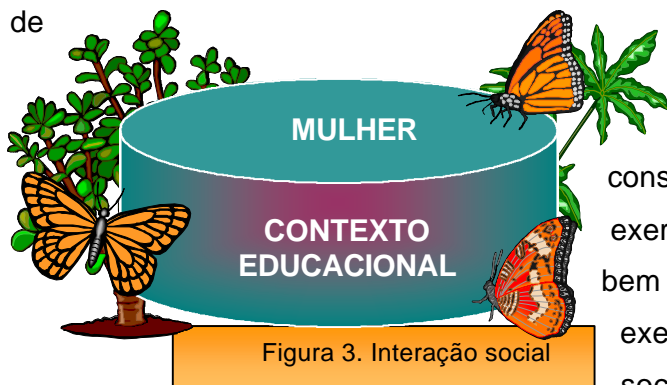
Neste contexto, cabe ressaltar de acordo Patrício (1999, p.xxviii) define-se qualidade de vida como sendo:

“Substantivo e também adjetivo. Substantivo quando descreve as características, os atributos de algo, de um objeto ou de uma situação, sem a preocupação de avaliação. Adjetivo, quando lhe é conferido, a partir de um ponto de vista, ou seja, de um referencial, um dado valor, uma apreciação quem lhe da uma certa identidade, uma qualidade especial”

Portanto, devido à evolução dos segmentos sociais, a perseverança da mulher professora para conquistar seu espaço no mercado de trabalho bem como o aprimoramento intelectual e pessoal, tornou-se um desafio a ser investigado, pois a busca gerenciada nos estudos de mestrado tiveram na sua essência na forma de como as mulheres profissionais inseridas na educação formal no município de Itajaí (SC), gerenciam sua qualidade de vida.



O ingresso da mulher no mercado de trabalho desde a conquista do direito ao voto, disputa vagas em pé de igualdade com o homem, batalhando por sua ascensão profissional e pessoal, teve o movimento feminista como fundamental, pois, resultou em mudanças importantes na vida da mulher tanto com relação à sua posição social quanto em relação às suas condições psicológicas. A qualidade de



de vida da mulher professora passou a ser objeto de estudo a partir da constatação das múltiplas atividades exercidas no cotidiano dessa mulher, bem como, o produto resultante deste exercício profissional para a sociedade, a formação do aluno.

Tomando por princípio a administração do exercício profissional perguntou-se às pesquisadas, se a maneira de exercer a profissão (a professora) leva ou não a qualidade de vida. Desta forma, fez-se necessário, estudar as relações pessoais, as múltiplas atividades desempenhadas pela profissional com a finalidade detectar o gerenciamento destas questões.

A revisão da literatura encontra em Capra (1982), Patrício (1999), Marques (1992), Fialho (1998-2000), Chopra (1999), Delors (2000), entre outros a configuração, a concepção sistêmica da vida, a formação profissional, teorização de qualidade e inserção ativa do indivíduo no conjunto social que são exigências de análise no processo de investigação.

Na dialética de que o trabalho é por excelência uma condição inerente ao ser humano, fica evidente a relevância do presente estudo, pois o mesmo visa contribuir para a elaboração de percepções para a concepção da qualidade de vida das mulheres inseridas na educação. Parafrazeando Rubem Alves (1995, p.28) “Pessoas que sabem as soluções já dadas são mendigos permanentes. Pessoas que aprendem a inventar soluções novas são aquelas que abrem portas até então fechadas, descubrem novas trilhas”.


A questão não é só saber soluções já utilizadas, porém ser capaz de reelaborar e criar novas maneiras de caminhar em caminhos ainda não percorridos, gerenciando projetos inovadores que motivem a constante prática pedagógica.

Enfim, fica evidente a relevância do presente estudo, já que o mesmo visa contribuir para a elaboração de percepções para a concepção da qualidade de vida destas profissionais.

## 1.4 Hipóteses

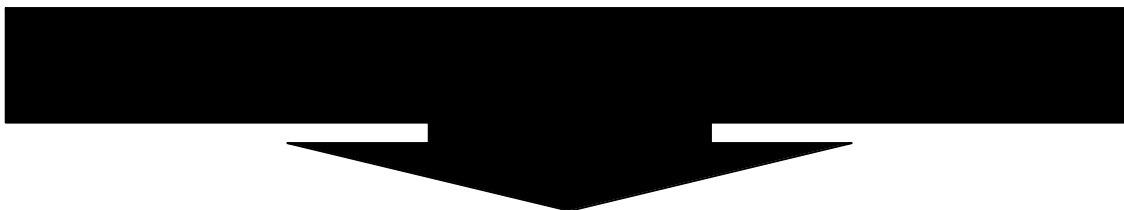
Em consonância com autores como Thiollent (1998), Minayo (1999) e Triviños (1990) afirma-se que a hipótese poderá definir-se como uma referência a fatos ainda não confirmados. Ao enfrentar a realidade, a hipótese pode ser aceita ou rejeitada, reformulada ou originar outra à medida que o pensamento não fique suspenso pela incapacidade de agir de forma desejável. Estabelece o olhar entre o pesquisador e a realidade a ser investigada, uma verdade pré estabelecida.

### 1.4.1 Hipóteses estabelecidas para este estudo

- 
- Os aspectos sócio-econômicos, psico-afetivos do ambiente de trabalho influenciam o comportamento da mulher professora no desenvolvimento de suas atividades.
  - As ações profissionais estão relacionadas com o comprometimento pessoal de aperfeiçoamento, criatividade e inovações condizentes ao trabalho realizado.
  - A realização profissional é decorrente de atitudes, ações e projetos coerentes com a ideologia de vida alicerçada em políticas pessoais, sociais, educacionais e culturais.

## 1.5 Objetivos da pesquisa

### 1.5.1 Objetivo geral



### 1.5.2 Objetivos específicos necessários a consecução do objetivo geral

- ▶ Analisar propósitos pessoais que direcionam a inserção profissional no mercado de trabalho;
- ▶ Elencar junto à literatura especializada aspectos que influenciam a mulher professora no exercício da profissão;
- ▶ Identificar ações relevantes a qualidade de vida no ambiente de trabalho;
- ▶ Investigar aspectos sócio-econômicos, psico-afetivos que direcionam atitudes no ambiente escolar;
- ▶ Analisar propósitos pessoais e profissionais.
- ▶ Caracterizar a função e a especificidade da mulher no processo educacional.

### 1.6 Metodologia da pesquisa

Em decorrência da inserção das pesquisas sociais no campo das ciências, o contexto científico emerge e solidifica descobertas importantes que agregam a interpretação de fenômenos que contribuem nas relações sociais.

Fatos estes, que por durante muito tempo, foram marcados por estudos que premiavam a adoção de métodos quantitativos na descrição, explicação e entendimento de fenômenos de seu interesse. Porém, hoje, é possível identificar, com clareza, uma outra forma de abordagem que, gradativamente se instala

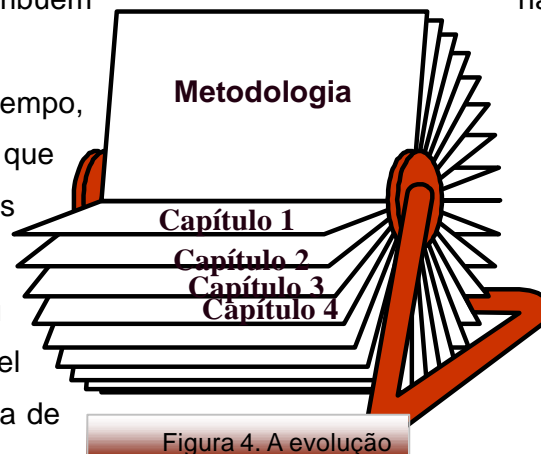


Figura 4. A evolução

como

alternativa de investigação para descoberta e compreensão que se passa dentro e fora dos contextos organizacionais e sociais. A pesquisa qualitativa que só nos últimos anos adquiriu espaço reconhecido em áreas da administração, da psicologia e da educação.

Segundo Granger & Ramognino (1993, p.ccxlvi apud MINAYO) o método qualitativo é enfocado como:

[...]um modelo que descreve, compreende e explica [...], um trabalho de conhecimento social que atinge dimensões como a simbólica, que contempla os significados dos sujeitos, a histórica, que privilegia o tempo consolidado do espaço real e analítico e por fim a concreta que refere-se às estruturas e aos atores sociais em relação".

Sob este enfoque, Patrício (1999, p.v) afirma que:

"Dentro de concepções de produção de conhecimento aplicado, através de métodos qualitativo também é possível desenvolver propriedades para trabalhar, transformar, as questões sociais, como as referentes a qualidade de vida individual e coletiva (inclusive das organizações) e produtividade. O entendimento deste fato aponta caminhos para produzir conhecimentos".

Deste modo, por encontrar na inserção profissional, estímulo para pesquisar, registrar e revelar momentos significativos do caminhar profissional de mulheres inseridas no mercado de trabalho, através da educação formal, optou-se direcionar este estudo através da abordagem qualitativa permeado numa investigação descritiva e exploratória.

A pesquisa é de natureza qualitativa exploratória, parafraseando Triviños (1987) como sendo aquela capaz de analisar os diversos aspectos implícitos ao desenvolvimento das práticas de uma organização e a interação realizada entre os seus integrantes.

Em conformidade com Alves (1991, p.lviii) é exploratória, porque este tipo de pesquisa pretende:

"proporcionar, através da imersão do pesquisador no contexto, uma visão geral e não enviesada do problema considerado, e contribuir para focalização das questões e a identificação de informantes e outras fontes de dado".

Por tratar-se de um estudo das questões pessoais e sócio-profissionais não é possível quantificá-lo, pois vivências e ações são em primeira instância qualitativa, inerente a realização homem-trabalho, intrinsecamente relacionadas com a subjetividade, enfocando aspectos como prazer e desprazer, satisfação e insatisfação, conquistas e perdas, o ideal / real.

Assim, a investigação foi realizada através de diálogos, observações e entrevistas semi-estruturadas distinguindo a pesquisa pelo método da pesquisa-ação, que proporciona técnicas para 'coletar e interpretar dados, resolver problemas e organizar ações'.

Dada a definição do tema a ser estudado até o resultado final da investigação, buscou-se no referencial teórico, o norte, o rumo desta trajetória, que não limitou-se apenas no profissionalismo enquanto pesquisadora, mas sim, uma trajetória de paixão e amor à educação.

Para tanto, se fez necessário salientar um breve olhar sobre escola, bem como o ser e o fazer das mulheres professoras que atuam nas séries iniciais, ensino fundamental e médio da Escola de Educação Básica Deputado Nilton Kucker, Itajaí (SC), objetivando reunir e organizar o conjunto de informações relevante ao contexto da realização do estudo.

## 1.7 Caracterização da Pesquisa

Com o olhar perpassando a inserção da mulher professora na educação formal, consideramos que nosso fenômeno de estudo é a percepção desta mulher sobre sua qualidade de vida.

Deste modo, é que se justificou a escolha do método da pesquisa, seguindo o modelo de observação, investigação, desenvolvimento e interpretação, dentro da abordagem qualitativa fenomenológica.

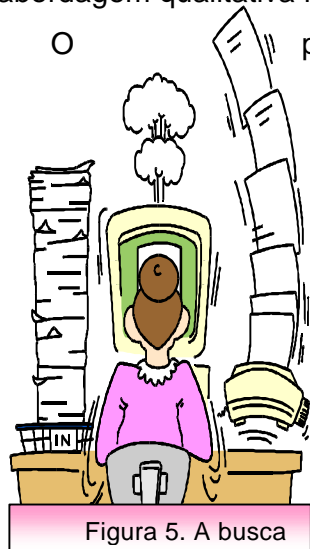


Figura 5. A busca

O primeiro momento do estudo constitui-se do levantamento bibliográfico e exploratório, cujo objetivo principal nesta etapa é desenvolver, esclarecer, investigar e modificar conceitos e idéias com o intuito de preparar abordagens condizentes com o desenvolvimento do estudo.

Neste contexto, a pesquisa classifica-se como descritiva, na medida que se preocupa em descrever a realidade como ela é, apresentando-a sem modificações, propondo possíveis intervenções. No entanto, a pesquisa em pauta, é de caráter investigativo, pois tem como

preocupação investigar os fatores que determinam ou contribuem para a existência dos fenômenos, e fatos.

## 1.8 Abrangência da Pesquisa - Encontro com os Sujeitos Ativos

Escolheu-se por efetuar a pesquisa com mulheres professoras atuantes na Escola Pública Estadual de Educação e Ensino Básico Deputado Nilton Kucker, situada no município de Itajaí (SC), com o objetivo de pesquisar junto a estes sujeitos o contexto e sua inserção pessoal, social e profissional.

A escolha deste estudo, sobreveio da necessidade de investigar se a qualidade de vida destas profissionais pode ou não interferir diretamente em seu desenvolvimento profissional, bem como, em suas relações com os sujeitos onde desempenham suas atividades. Mediante esta questão, a investigação tem cunho qualitativo com base no método fenomenológico, pois, sobrepuja investigar in loco para constatar a relação que estas mulheres têm de si mesmas e com os outros.

## 1.9 A Escolha dos Sujeitos Ativos

A população deste estudo está constituída por mulheres professoras que exercem sua profissão na Escola de Ensino Básico Deputado Nilton Kucker, no município de Itajaí (SC), por entender a pesquisadora, ser primordial a inserção no processo ensino-aprendizagem pois a qualidade contida neste exercício profissional poderá interferir no 'reencantamento da educação', resultando no encontro de mulheres profissionais exultantes, realizadas felizes. Com propriedade Romeiro (2000, p.xxix) ilustra em seus escritos a importância deste avanço histórico afirmando que:

As políticas de formação de professores, têm de ser focalizadas em conexão com dois outros aspectos essenciais – a carreira e as condições de trabalho dos profissionais da educação. Afinal o modo como se trata [...] esta mediação é indispensável para garantir profissionais bem qualificados.

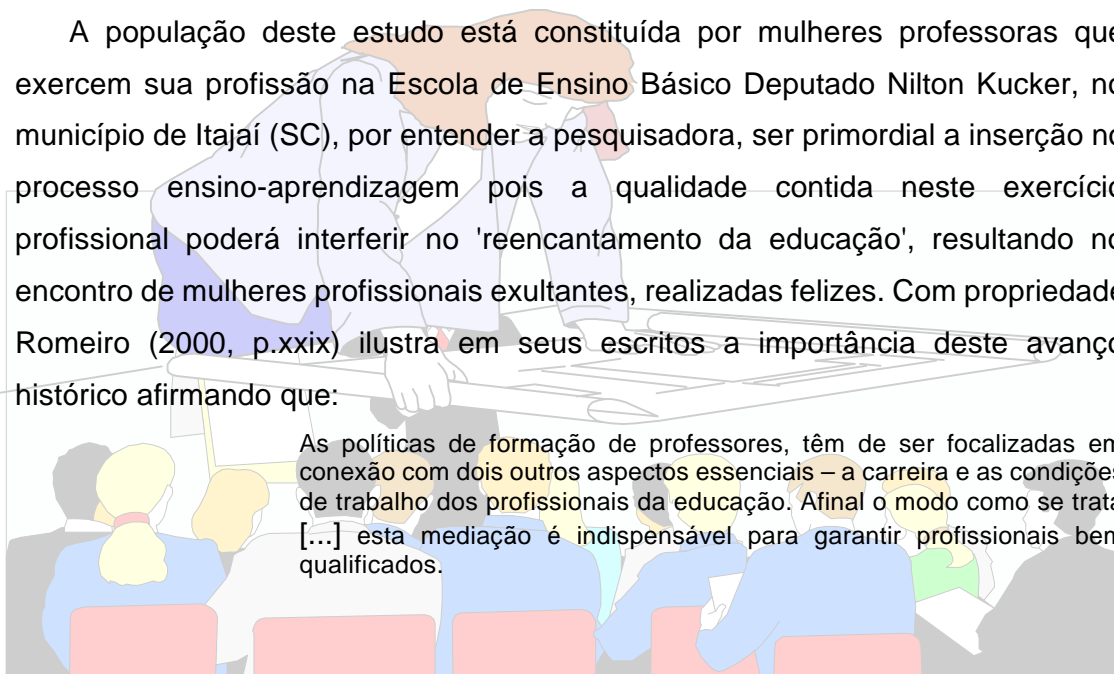


Figura 6. A interação

## 1.10 Coleta dos Dados

Para coletar os dados desta dissertação, far-se-á uso de observações, entrevistas, seminários e interpretações numa abordagem qualitativa. Para Triviños (1987, p.cxxxvii):

a coleta de dados é vital na pesquisa qualitativa pois permite ao investigador enfoques aprofundados, implicando num processo unitário e ao mesmo tempo integral. Contemplando desta forma, o conjunto de operações propostas.

As observações encaminharam o avanço nas investigações, pois evidenciaram comportamentos, interesses e perspectivas das envolvidas na pesquisa, fator decisivo para estudar os 'processos e produtos' os quais são sujeitos as mulheres professoras no exercício de sua profissão. As percepções permitiram observar que as professoras da unidade escolar, vivem um momento de transição ocasionado em grande parte, pela política atual de reordenamento da Educação Básica.

Este contexto, está ocasionando insegurança e estresse no ambiente escolar, pois a cada ano fica a perspectiva de que poderá a professora **perder** suas aulas na unidade escolar, ou seja, ter que ir para outro colégio ou **ver** sua unidade escolar ser fechada ou transformada em outro setor.

O ambiente de trabalho está estruturado por um sistema que privilegia o individualismo, a competição, a desigualdade e a dicotomia entre o ser e o fazer. Nas relações há divergências entre discurso e prática; ao mesmo tempo que o administrativo abre espaço para o coletivo, a troca de idéias, há também o cerceamento de determinadas posturas. Há constantes trocas de diretores, o espaço físico encontra-se deteriorado e deficiência do material didático pedagógico para o exercício da docência.



Figura 7. A docência



## 1.11 Registro e Tratamento dos Dados Coletados

Os dados coletados com um grupo de professoras da Escola de Ensino Básico Deputado Nilton Kucker em Itajaí (SC), baseou-se em três categorias de análise: a realização pessoal, o convívio social e a inserção profissional.

Para o registro dos dados utilizou-se a observação, a investigação e a entrevista semi-estruturada, por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo que possibilita, a partir das opiniões subjetivas dos sujeitos sociais, analisar os dados coletados, assim, assegurar as informações, bem como sua abrangência e veracidade.

O tratamento dos dados ocorrerá através da leitura, registro e ordenação para analisar e validar ou não as hipóteses do estudo.

Ao término da leitura e análise dos dados far-se-á aos sujeitos sociais, o retorno do resultado da pesquisa através de seminários que de acordo com Thiollent (1998, 71-2): "O retorno é importante, estender o conhecimento e fortalecer a convicção [...] e haver um retorno da informação entre os participantes [...], este retorno visa promover uma visão de conjunto".

## 1.12 Delimitação do Trabalho

O presente estudo delimita-se no referencial teórico e na investigação organizada pela pesquisadora, para atender as necessidades e assim atingir os objetivos propostos.

Esta pesquisa delimita seu foco no aspecto pessoal, social e profissional para desvelar as influências que norteiam a qualidade de vida da profissional mulher inserida no magistério da Escola de Educação Básica Deputado Nilton Kucker.

Na pesquisa não será abordada a análise de cunho administrativo ou problemas relacionados com o mesmo, pois, esta investigação depende de uma visão organizacional com análise documental.

Portanto, os resultados poderão suplantar direcionamentos para a melhoria da qualidade de vida destas profissionais inseridas na educação.

Figura 8. Parâmetros

### 1.13 Descrição dos Capítulos

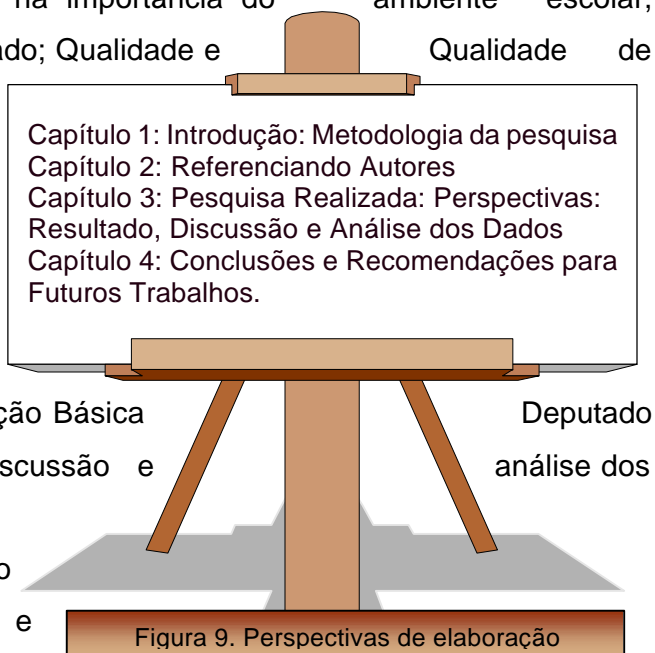
O presente trabalho de pesquisa está organizado em quatro capítulos.

No capítulo um, será abordado a introdução que tratará a questão de pesquisa, a justificativa, os objetivos, as hipóteses, a metodologia da pesquisa e as delimitações do trabalho.

No capítulo dois, descreve-se a Multiplicidade de Conhecimentos, Enfocando a Inserção Feminina no Contexto Social, pontuando a participação da mulher na construção do conhecimento; Mulher e o Mercado de Trabalho, enfoca a interferência da mulher trabalhadora nos rumos do crescimento social; A Mulher no Magistério, aborda a efetiva participação no contexto educacional; Escola Erros / Acertos: Possibilidade, resulta na importância do ambiente escolar, na produção do saber sistematizado; Qualidade e Qualidade de Vida, refere-se a otimização nos ambientes profissionais como também nas questões inter e intrapessoais.

No capítulo três, expõe-se a pesquisa realizada com as professoras da Escola de Educação Básica Nilton Kucker, bem como, discussão e

No capítulo quatro, serão expostas as conclusões e recomendações para futuros trabalhos.



## CAPÍTULO 2

### 2 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 2.1 Multiplicidade de Conhecimentos: Inserção Feminina no Contexto Social

As evidências dos avanços tecnológicos indicam convergências, que reunidas formam o processo evolutivo, alia ciência e informação, resultando no conhecimento como combustível estratégico que interage e move o mundo neste início de milênio. Este modo de fazer ciência se vale de métodos diferentes da atual sociedade industrial por fundar-se sobre a formulação social de questões e problemas mais do que sobre a descoberta técnica de soluções. Evidenciando este momento, Bazzo (1998, p.ccciii) nos diz que:

[...] A história é uma contínua construção dos elementos que dela participam, e que a consciência dos atos nos permite assumir o timão de sua evolução, parece ser este o momento de procurar espaços para reflexão para poder intervir neste processo com mais propriedade e com mais discernimento.

Paralelo a esta convicção emerge uma aparente prioridade mundial, ou seja, tem-se a impressão que todos no mundo sabem o que, como e quando fazer as coisas para que se instale definitivamente a **ordem mundial** e assim, a humanidade conheceria e viveria os resultados de seus projetos, as soluções de seus problemas, teria as respostas para inquietações, viveria a plenitude das transformações, das inovações. Porém, junto a esta convicção delimita-se o fato de que essas possibilidades ainda são tendências, pois ao homem, ainda é desafio interagir com plenitude nos rumos do desenvolvimento global.

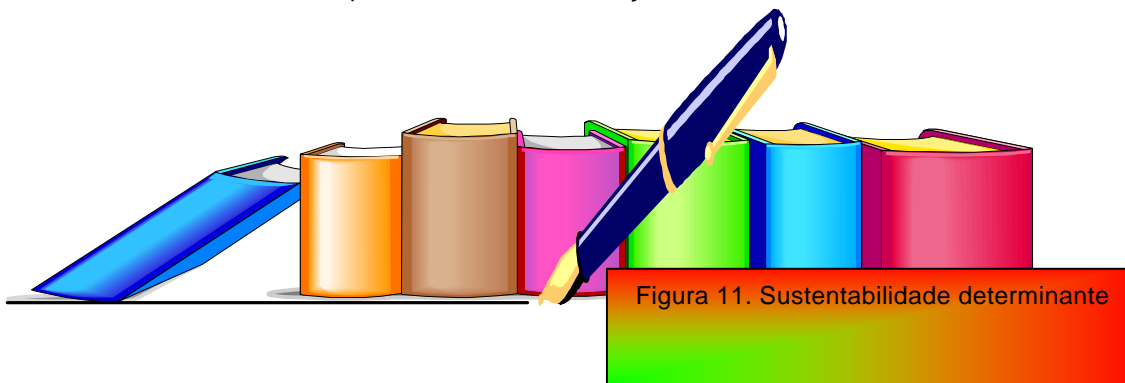
É preocupante, portanto, saber que grande parte da humanidade permanece alheia a tais possibilidades contribuindo desta forma, para a 'desordem mundial'. No entanto, entremeado por experiências, o esforço constante do homem, como ser pensante, estabelece relações fundamentais para a evolução tanto pessoal como sócia política, evidenciando possibilidades concretas do bem comum, ramificando-se em processos científicos que contribuíram para o progresso da ciência.

Figura 10. A projeção

Em contrapartida, aos avanços e retrocessos, muitos países participam ativamente do fenômeno global de mudanças políticas, sociais e culturais que transformam nações inteiras em potências capazes de dominar o mundo.

Por sua vez, estas transformações, potencializam o conhecimento como relação entre conceito e realidade prática - gerado a partir da informação, por meio da aplicação de modelos mentais e processos de aprendizado, oportuniza desta maneira, a implementação da atividade profissional. Parafraseando D'Ambrósio (1999, p.xxiii) entender o conhecimento significa:

Ver o conhecimento na espécie humana como busca de satisfação das pulsões de sobrevivência associada com a busca de transcendência. Embora sobrevivência esteja presente em todas as espécies, transcendência é algo característico da nossa espécie. Não há indicações de outras espécies que tenham um sentido de história e de futuro. Portanto, conhecimento considerado como essas ações é próprio da espécie humana [...] Implica dinâmica complexa, na qual intervém a vontade. Não há conhecimento estático, congelado. Conhecimento está em permanência transformação.



Sendo conhecimento o elo que compõe a cadeia com valores indispensáveis a inovação tecnológica, o mercado de trabalho requer profissionais capazes de gerenciar a multiplicidade cognitiva – afetiva que exige uma geração de competências distintas a partir do aperfeiçoamento e formação profissional.

Neste cenário, onde a sociedade esta desenhada, convém salientar a influencia do processo ensino–aprendizagem, desenvolvido no contexto educacional. Este mesmo contexto, face a sua interferência no caminhar da vida dos seres humanos, deveria estabelecer alternativas para que o processo venha atender as demandas sócios, políticas e culturais indispensáveis a inovação educacional.





Figura 13.  
O período de  
transição

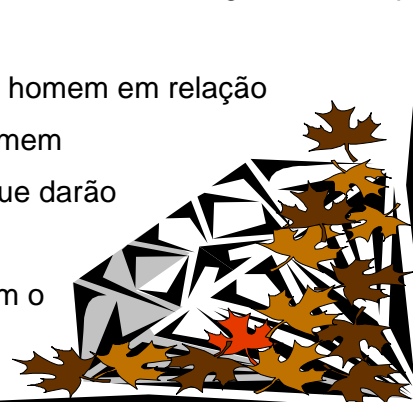
Este processo que busca a informação, como meio e material necessário para extrair e construir o conhecimento e o conhecimento que tem a função de uma atitude relacionada a ação, são produtos geradores de decisões que visualizadoras de ativos que operam e se manifestam de maneira decisiva no aprendizado educacional pois, a mudança dos paradigmas na transição da era industrial para a era da informação e do conhecimento, impõe competência profissional e ascensão intelectual, nova forma de trabalho, superação das barreiras sociais, consciência de um futuro virtual que consolida uma maior difusão de conhecimentos como uma das grandes metas da educação. Sob este prisma, D'Ambrósio (1999, p.xc) nos alerta que:

[...] cada indivíduo organiza seu processo intelectual ao longo de sua história de vida. Os avanços da metacognição nos oferecem esse espaço [...] o grande desafio que se encontra na educação é justamente sermos capazes de interpretar as capacidades e a própria ação cognitiva não na forma linear, estável e contínua que caracteriza as práticas educacionais mais correntes. A fragilidade desse estruturalismo pedagógico, ancorado nos preceitos da educação atual, é evidente se atentarmos para a queda vertiginosa dos resultados dessa educação. Isso se passa em todo mundo. Alternativa [...] reconhecer que o indivíduo é um todo integral e integrado e que suas práticas cognitivas e organizativas não são desvinculada do contexto histórico no qual o processo se dá, contexto esse em permanente evolução.

Este processo evolucionar exige superação de preconceitos estabelecidos nas instâncias formadoras, especialmente neste momento histórico onde, a primeira grande constatação é a emancipação profissional da mulher merecedora de destaque, por ultrapassar os formalismos numa sociedade gerenciada por concepções altamente machistas.

Deste modo, o conhecimento acumulado pelo homem em relação a seu ambiente é o conteúdo que este mesmo homem transformará em conceitos, princípios e teorias, que darão estrutura à ciência efetivada pela sociedade envolvendo este processo, relações que espreitam o desenvolvimento planetário, numa ampla

Figura 14. Prioridades



consciência de busca de perspectivas abrangentes que inclui o outro numa perfeita sintonia com o mundo. Alves (1999, p.xvii), em seus escritos, metaforicamente ilustra o desenvolvimento humano como sendo:

É um conjunto de pessoas unidas por um sonho. São os sonhos que fazem o povo, mas os sonhos não moram em argumentos ou razão. Sonhos moram nas imagens e na poesia [...] mas, a algo que a ciência não pode fazer [...] ela não tem o poder de fazer sonhar. Não tem, portanto, poder de criar um povo. Porque o desejo não é engravidado pela verdade. A verdade não tem o poder de gerar sonhos. É a beleza que engravida o desejo. São os sonhos de beleza que tem o poder de transformar indivíduos isolados num povo.

As diferentes formas assumidas pelo conhecimento dificultam o acompanhamento das modificações impostas pela globalização. Aqueles que tentam gerenciar os conhecimentos, os professores por exemplo, vêem-se decidindo o que e quais informações são relevantes para serem desenvolvidas nas suas atividades educacionais, pois a dependência do conhecimento – processo, habilidades tecnologia, informações, somam o potencial gerador de um processo que poderá ou não, desencadear-se em sucesso ou fracasso. A direção está nas mãos do articulador-o homem e Morin (2000, p.lii) considera este contexto, afirmando que:

O humano é um ser a um só tempo plenamente biológico e plenamente cultural, que trás em si a unididade [...] é super e hipervivente: desenvolveu de modo surpreendente as potencialidades da vida [...] se realiza plenamente pela e na cultura [...] a mente humana é uma criação que emerge e se afirma na relação cérebro-cultura.

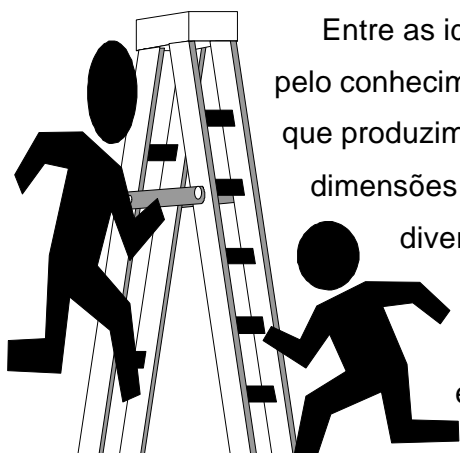


Figura 15. A trajetória intelectual

Entre as idas e vindas que o ser humano percorre, a busca pelo conhecimento torna-se portanto, o principal ingrediente do que produzimos, gerenciamos, articulamos e vivenciamos nas dimensões que incluem decisões políticas e condutas diversas nas ciências da vida. Em decorrência a estas repercussões convém salientar que os distanciamentos profissionais e intelectuais entre os homens e mulheres ficam acirrados na obstinação em encontrar, estimular e compartilhar o capital intelectual que não é mais algo incomum.

A capacidade mental está em toda parte, com tal intensidade e proximidade como nunca tinha havido antes. Ao contrário da terra, do petróleo e do ferro, informação e conhecimento além de não serem produtos intrinsecamente escassos, crescem quando são compartilhados. Assim como a economia está para esta transformação está o processo educacional para a evolução e a mulher para o mercado de trabalho. Este contexto, nos remete a consciência das modificações sociais onde o conhecimento, gerado a partir da informação, vem sendo disponibilizado de forma pragmática que infere ao educador articular o conhecimento, competência extrema para viabilizar fatos sutis e cotidianos, porém não menos interessantes, considerando que neles a informação assume realidade própria, e conduz-nos a repensarmos práticas sociais, como, por exemplo, as pedagógicas, concebidas na diversidade, em constante transição. Moraes & Santos (apud, PIMENTEL, 2000, p.iv) consideram que:

[...] no seio deste processo de mudança nós somos uma geração em transição entre o mundo velho e o mundo novo, cujas características são por um lado inimagináveis, prometedoras [...], por outro lado, bastante previsíveis, excludentes [...].

Neste cenário, compreender o processo de aprendizagem e interacioná-lo com as possibilidades de avanço na construção do conhecimento acerca do fenômeno de aprendizagem são constantes as contraposições entre teoria e prática, entre processo social e processo educacional, entre conhecimento abstrato e realidade concreta, entre a valorização feminina e sua competência profissional. Vasconcellos (1999, p.9) em seus escritos nos diz que: “É na sala-de-aula que o professor tem sua prática, seleciona conteúdos, passa posições políticas, ideológicas, transmite e recebe afetos e valores”.

Nesta concepção, a relação pedagógica, cerne da efetivação da formação humana, é medida pela própria realidade. “A educação não se reduz a eventuais auto modismos da escola e de seus procedimentos didáticos, ela pulsa a sociedade em processos vitais da conduta humana permeada pela ética, justiça, igualdade e cidadania” (PCSC, 1998, p.19).

Neste enfoque, é necessário considerar as teorias divergentes sobre aprendizagem. De um lado, há os behavioristas, que acreditam que o ambiente em que vivemos é variável mais forte na formação dos seres humanos e argumentam que toda vez que aprendemos, nos desenvolvemos.



De outro lado, há os interacionistas, que acreditam na relação estabelecida entre os seres humanos e o ambiente em que vivem. Existem também os sócio-interacionistas, que apoiados em Vygotsky, defendem a idéia de que tornamos sujeitos humanos apenas na interação com os outros seres humanos.

Porém, o importante é ressaltar que independente das teorias que compõem o processo educativo, novas informações, ao mesclarem-se com as antigas, geram conhecimentos que incentivam o desenvolvimento, o aprender, num determinado tempo, num determinado ambiente, que pode ser definido neste espaço como sendo escola, “lugar privilegiado de ensino sistemático do saber socialmente construído” (Parâmetros Curriculares Nacionais (1996).

Esta concepção, nos remete ao processo formativo que apesar de ter na sala-de-aula o espaço físico mais imediato, compreendendo sala-de-aula como espaço físico onde haja interação direta entre professor – aluno gerando desta forma, processo de interação sistemático e intencional, com a realidade através do relacionamento humano fundamentados em trabalho, conhecimento e organização de coletividade.

No entanto, o que se observa é que o trabalho do educador, assim, como na maioria dos trabalhadores, está marcado pela alienação, o que significa dizer que o educador pode ou não pode dominar nem o processo, nem o produto de seu trabalho, já que está excluído das grandes decisões e, portanto do próprio sentido de sua atividade. Pensar numa nova concepção de educação, pode representar retomada de limites, de problemas, de metodologias, de decisões que, significaria intensa transformação da metodologia de trabalho, que no modelo atual de educação evidencia saturação do educando com relação à escola, perdendo portanto, a sensibilidade para perceber uma proposta alternativa significativa.

Na continuidade destas constatações, encontramos a mulher atuando neste mercado-educador que avança, interage, elabora, forma, institui, independente da avaliação

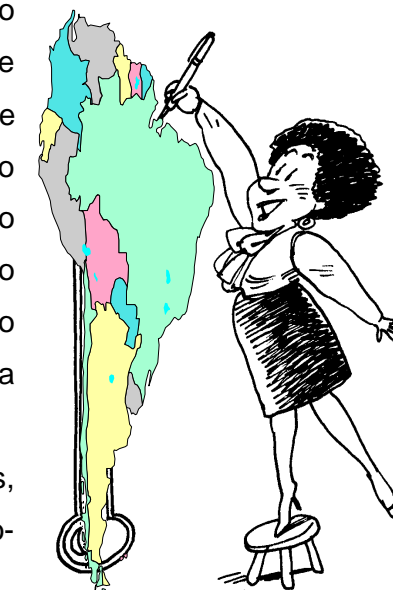


Figura 16. Prática transformacional

pedagógica, seja ela positiva ou negativa. Neste aspecto, direciona-se o enfoque

qualidade de vida da mulher inserida no processo educacional, seja observando sua origem, sua ideologia ou seu modo de vida, sua prática social. É premente e necessário iniciar tal procedimento fitando o modelo educacional vigente no país.

O século XXI começa carregado pelo agravamento das desigualdades entre os brasileiros, resultado do acúmulo de dívidas sociais de 500 (quinhentos) anos. São 500 (quinhentos) anos de história em que educação foi prioridade secundária. Esta é a medida do subdesenvolvimento num milênio de evoluções, avanços tecnológicos, globalização.

A globalização e suas profundas e aceleradas transformações no impõe desafios; iniciar no Brasil uma nova etapa de desenvolvimento social sustentável, superando a exclusão social onde o cenário de aproximadamente 17 milhões de analfabetos literais e 30 milhões de analfabetos funcionais (dados da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação – 2000), transformar-se-á em efetivo articulador da construção de um processo ensino-aprendizagem onde o ser humano seja o ator-principal do processo ativo de interação social.

O Brasil ampara-se na Constituição Federal para coordenar e instituir suas ações educativas, os artigos 205 e 214 reúnem argumentos suficientes para converterem a educação em **direito permanente de todos os brasileiros**. Estes artigos, com propriedade nos mostram que:

“Art. 205 – A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e de sua qualificação para o trabalho”.

“Art. 214 – A lei estabelecerá o Plano Nacional de Educação, de duração plurianual, visando à articulação e o desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis bem como a integração das ações do poder Público que conduzam à

- I. Erradicação do analfabetismo;
- II. Universalização do atendimento escolar;
- III. Melhoria da qualidade do ensino;
- IV. Promoção humanística, científica e tecnológica do País.

No entanto, a política ainda não concentra esforços suficientes para respeitas as diversidades regionais e culturais, e de certa maneira aumenta a competitividade e a exclusão, reforçando a necessidade da concepção de educação e de sociedade humanística, multicultural, integradora e libertadora.

Diante dessas constatações, a transposição legal desses direitos garantidos impõe e determina possibilidades reais de vivência desses direitos a efetivação da apropriação do saber por todos os cidadãos: a escolarização, e oportunizar aos profissionais alguns espaços para auxiliar e interferir nas propostas existentes, assim, redimensionar os espaços educativos, seu campo de trabalho.

## 2.2 Trabalho: Atividade física e intelectual

Referir diferentes ações à palavra trabalho, significa esboçar um olhar histórico determinante para o termo. Referenciando Aurélio (1998, p.dxli) trabalho é:

Aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim; atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento; trabalho remunerado ou assalariado; serviço, emprego; local onde se exerce essa atividade; qualquer obra realizada; lida, labuta.

Através dos tempos, a palavra trabalho adquiriu esferas de significados e características antagônicas. Uma, talvez dominante, para a maioria da classe trabalhadora, relaciona o trabalho à noção de sacrifício, de esforço incomum, de fardo, algo esgotante para quem o realiza, obtendo-se como retorno muita fadiga e preocupação. Nessa esfera, o trabalho associa-se também à noção de punição, como está no Antigo testamento de onde decorre o sentido de obrigação dever, meio de sobrevivência, maldição. Esta concepção resulta numa avaliação negativa do trabalho. Noutra esfera temos uma clara valorização positiva, que vê o trabalho como aplicação das capacidades humanas que propicia o domínio da natureza, responsável pela própria condição humana, alia-se à noção de empenho, esforço para atingir determinado objetivo; transformação que o homem impõe à natureza para disso tirar bom proveito. De acordo com os escritos na Enciclopédia Barsa (1977, p.cxlvi).

O processo de trabalho voltado para a produção social inclui três elementos fundamentais: o objetivo de trabalho, matéria que o homem transforma com sua atividade; os meios de trabalho, conjunto de instrumentos com os quais o homem transforma a matéria e atividade humana exercida sobre matéria com ajuda de instrumentos. [...] o trabalho é o elemento mais importante da produção social, condição de sua existência.

O trabalho evoluiu historicamente, durante milênios, de maneira limitada, garantiu a manutenção e a reprodução

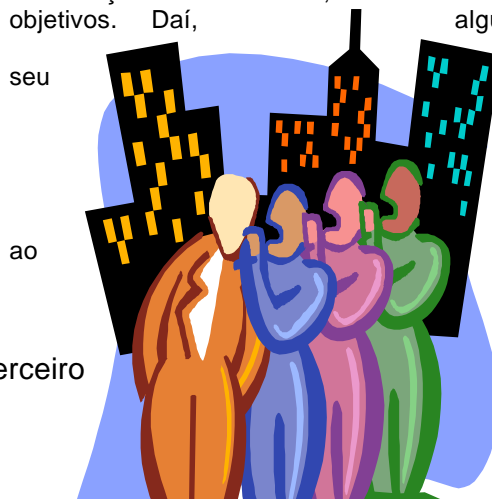


biológica da espécie humana e se desempenhou sob forma de coleta, trabalho extrativo que pouca ou nenhuma transformação imprimia ao trabalho. A caça, a pesca, a utilização do fogo e o pastoreio diversificam o trabalho e possibilitaram seu progresso, com surgimento dos primeiros objetos úteis, como arco e a fecha. Com a agricultura – revolução neolítica – o homem tornou-se sedentário e passou a fabricar instrumentos para o cultivo e a colheita. O trabalho tornou-se mais organizado e coletivo porém, de certa forma, escravo.

A liberação do trabalho levou séculos para sua efetiva implantação. Na atualidade, é impossível afirmar que desapareceram as situações de exploração no trabalho. Na tradição cristã com a Reforma Protestante, o trabalho passou a ser visto como instrumento de salvação forma de realizar-se a vontade divina. Na tradição oriental. As religiões tendem a ver o trabalho como uma atividade que harmoniza os homens com a natureza desenvolvendo desta forma, seu caráter. Pelo trabalho, o homem satisfaz suas necessidades básicas: comer, beber, proteger-se contra as intempéries, garantir a reprodução e preservação da espécie. O homem não satisfaz essas necessidades isoladamente, mas pela vida em sociedade.

As intensas transformações da sociedade moderna evidenciam a relevância que a esfera de vida pessoal, ocupada pelo trabalho, adquire para a maioria das pessoas. É evidente o trabalho como uma necessidade existencial, cujos rendimentos, servem para suprir as necessidades humanas como: alimentação, moradia, educação, lazer, bem-estar social, status, prestígio... tornando-se portanto um elemento que contribui para o autoconceito de identidade pessoal. Desta forma, o trabalho é fator determinante para níveis pessoal e social. Zanelli (1994, p.cdviii) refere-se ao trabalho afirmando que:

Trabalho, em sentido geral, significa dispende os esforços para a consecução de uma tarefa, tendo em vista determinados propósitos e objetivos. Daí, alguns derivam que qualquer intervenção humana em ambiente pode ser chamada de trabalho, inclusive atividades realizadas a título de lazer. Contudo, no uso cotidiano, o termo trabalho é associado ao emprego ou às atividades desenvolvidas sob remuneração.



O advento do terceiro

milênio intensifica as

transformações sociais, econômicas e tecnológicas, estimula a análise sobre alterações no significado para os indivíduos. É evidente o desejo de autonomia, de participação, de experiências de trabalhos significativos, de maior envolvimento nas decisões que afetam indivíduos, de equilíbrio entre o trabalho e outros segmentos da vida, como o prazer, satisfação, realização e saúde.

Nesta perspectiva, qualquer que seja o modelo de organização de trabalho implantado, o que importa à saúde é a possibilidade do trabalhador ter controle sobre contextos de trabalho no qual realiza as tarefas. Para que ele tenha controle, Spink (apud, SATO 1993, p.cxcvii), em estudos realizados sobre saúde e qualidade de vida do trabalhador, nos relata que:

Três requisitos são necessários: a Familiaridade, o poder, e o limite subjetivo. Familiaridade refere-se à intimidade com a tarefa quanto menos experiência tiver no trabalho, mais sofrimento, mais desgaste [...], o Poder, refere-se à possibilidade de o trabalhador interferir no planejamento do trabalho de modo a modificar os contextos [...] por último, o limite subjetivo que diz respeito a quanto, quando e como o trabalhador agüenta as demandas do trabalho. Subjetivo, pois apenas cada um de nós sabe o limite suportável, não sendo possível alguém de fora dizer o quanto o outro agüenta no trabalho.

No entanto, mesmo considerando o esforço das organizações em considerar a diversidade, a variabilidade e a importância do controle do trabalhador sobre o contexto do trabalho, o enredo de transposição de condições viáveis para a qualidade de vida do trabalhador continua perpassando os processos mais evolutivos que o homem pode elaborar e implantar sem conseguir atingir metas consideráveis. Araújo (1998, p. vii) afirma que:

“O trabalho permanece associado a atividades de desprazer distante de uma concepção de racionalidade substantiva que possibilite determinar princípios produtivos e éticos no mercado de trabalho. O trabalhador continua sendo apenas um recurso, na relação capital de trabalho onde quem produz não detém, não possui e muito menos domina os meios de produção; onde o produtor e produto estão distantes significando que o trabalho está separado do seu produtor”.

A falta de vínculo entre trabalho e as outras dimensões de vida do trabalhador, provocam também a separação de prazer, do lazer, da cultura e de outras instâncias da vida que caracteriza a sociedade.

Essa compreensão amplia as diferenças entre os seres humanos, ajuda resolver as frustrações de como lidar e entender as dimensões que o trabalho impõe e em especial, uma maior reflexão da relevante inserção da mulher no mercado de trabalho, bem como sua ascensão profissional que, no atual momento histórico, encontra-se em patamares de igualdade e/ou superioridade.

## 2.3 Reconstituindo fazeres: A mulher e o mercado de trabalho

O ingresso da mulher no mercado de trabalho iniciou na Europa, durante a Idade Média, cujas atividades eram em troca de remuneração insignificante e, em condições penosas de trabalho. Abicalil (1995, p.v) em relação a este momento afirma que:

“Durante a primeira metade do século XIX, nas sociedades recém-industrializadas do Estados Unidos e Europa, a vida das mulheres de classe média era limitada por restrições sociais, enfatizavam-se os deveres domésticos e o trabalho voluntário religioso e de caridade, sem que o trabalho remunerado fosse desencorajado”.

As mulheres da classe trabalhadora, barradas dos empregos melhores remunerados e tradicionalmente, em geral atuavam em setores não especializados, ou em fábricas onde a jornada era longa, as condições péssimas e os salários baixos. Não tinham acesso à educação superior e treinamento profissional sendo legalmente proibidas de votar, a resposta foi o surgimento de movimentos feministas que lutavam por mudanças através de publicações, sociedades sufragistas e sindicatos. No início do século XX, lutavam também por reformas sociais, como apoio ao controle de natalidade e clínicas infantis.

Na época da Revolução Industrial (1850), as mulheres foram recrutadas para trabalhar em virtude da criação de considerável número de empregos novos; adquiriram formação profissional rápida e passaram a receber salários. Segundo Renaux, (1995, p.cxcv):

O impacto da Primeira Guerra Mundial rearticulou os papéis sociais e abriu novo espaço à mulher no campo profissional. Nos países diretamente envolvidos no conflito, embora se considerasse, tanto entre os homens, quanto entre mulheres, que o lugar destas era dentro de casa, em número crescente as mulheres saíram a trabalhar nas profissões chamadas auxiliares (secretaria, telefonista, estenografa, etc.), bem como nas linhas de produção das indústrias bélica, vagas estas deixadas pelos homens, mesmo entre mulheres casadas [...]

Findo o período da guerra, as mulheres se recusaram a voltar para o lar, causando uma verdadeira revolta na sociedade. A ampla utilização da mão de obra feminina durante a segunda guerra mundial em indústrias tradicionalmente dominadas pelos homens durou pouco. Após 1945, muitas mulheres voltaram para o lar. Durante os anos 50, a visão tradicional do papel da mulher na

sociedade ressurgiu com vigor, especialmente no Ocidente, e as conquistas das primeiras feministas foram apagadas da história.

O movimento feminista reapareceu no final da década de 60 e início dos anos 70. as mulheres ainda estavam condicionadas a aceitar seu papel como apenas doméstico e maternal. Encontravam dificuldades em atuar no mundo masculino de assuntos públicos e políticos e entrar em setores da economia como bancos, indústria e comércio.

Assim, Harazin (1994, p.49) nos diz que: “a cidadania da mulher, apesar do processo evolutivo trilhado por ela desde a Idade Média, foi conquistada somente nesse século, quando votou pela primeira vez no mundo em 1921, nos Estados Unidos”.

No Brasil, o voto feminino foi garantido somente 12 anos depois, pela Constituição de 1932. Esta mesma Constituição, hoje unifica os direitos humanos afirmando que:

Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e a propriedade, nos termos seguintes:

- I - Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;
- II - Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa se não em virtude da lei;
- III - Ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante;
- IV - É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;
- (...)
- IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.

A longa marcha a partir desses tempos heróicos, as mulheres que conseguem se repensar dentro do imaginário coletivo da submissão feminina ao homem, da irracionalidade pela formação acadêmica, permitiu-se às mulheres cargos de responsabilidades que até então eram privativos dos homens. As mulheres conquistaram seu espaço tornando-se professoras, empresárias,

profissionais liberais, e ingressam na política e na economia de forma bem acentuada.

A emancipação das mulheres brasileiras é ilustrada estatisticamente por Steil (1997, p.lxii) quando destaca que:

De 1980 a 1990 6,3% das mulheres que ingressaram no mercado de trabalho brasileiro, enquanto esta taxa para os homens foi de ordem de 0,7 [...], em 1995, estavam no mercado de trabalho 29.820.683 mulheres, ou 40,01% da força de trabalho brasileira. A presença feminina continua concentrada nos setores tradicionalmente ocupados por mulheres: o maior contingente, 29,8% ou cerca de 8 milhões, está na prestação de serviços. Outros 6 milhões de mulheres trabalham na agricultura 4,5 milhões nas atividades sociais e 3,5 milhões no comércio, segundo IBGE. As atividades industriais ocupavam 2 milhões de mulheres.

No que se refere à ocupação, 59,1% das mulheres eram assalariadas no setor público e privado em 1995. Das 16 milhões de assalariadas no país cerca de 4,8 milhões são trabalhadoras domésticas, representando quase 30% do trabalho assalariado ou cerca de 17% da ocupação das mulheres. Outras 16,6% encontram-se na categoria de trabalho por conta própria, enquanto 13% trabalham sem remuneração financeira. Outras 9% permanecem nas atividades de subsistência. Apenas 1,9% das mulheres são empregadoras. Porém, não há a menor dúvida de que o século findo foi o de maior avanço para as mulheres em toda a história da humanidade. Elas estão conquistando espaço no mundo inteiro, em praticamente todas as atividades. As mulheres estão numa fase profissional sem igual na história brasileira. Pesquisas apresentadas pela revista Exame (2001, p.xxxix), comprovam que:

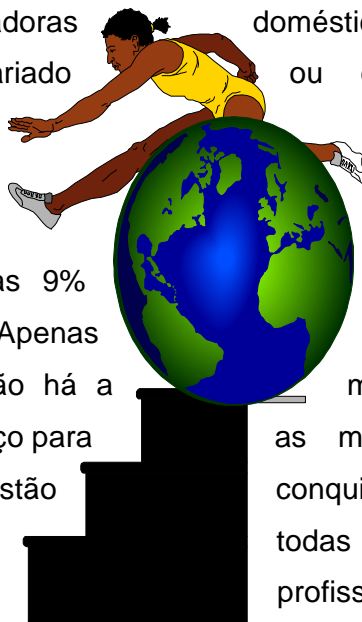


Figura 19. A mulher emergente no mercado de trabalho

[...] 20 milhões de mulheres, entraram na população economicamente, ativa do Brasil, em duas décadas. Parte desse aumento foi causado por mudanças no conceito de trabalho, que passou a incluir atividades como de alto consumo e produção familiar. Mesmo assim, o avanço é considerável [...] conquistar espaço não é sinônimo de ter igualdade. As mulheres ainda fazem dupla jornada, ganham menos que os homens quando exercem a mesma função e, [...] são preteridas na hora da promoção aos cargos de maior poder e prestígio.

Para conquistar um lugar no mercado de trabalho, a mulher precisa estar qualificada, seja qual for a tarefa. Basicamente todas as profissões exigem



instrução acadêmica, porém, as crescentes evoluções mundiais mostram que a maioria dos analfabetos é composta por mulheres. (Monlevade, 1996)

O mercado de trabalho já foi muito mais implacável com as mulheres do que hoje em dia no Brasil. Mesmo assim, ainda existe discriminação com aqueles que conseguem colocação em grandes empresas estatais ou na iniciativa privada no comércio e nas atividades acadêmicas, nas escolas e universidades, como relata a Dieese em 1997:

As mulheres trabalhadoras enfrentam todas as sortes de dificuldade: sua remuneração é mais baixa, a discriminação para o acesso aos postos de trabalho. Para a ascensão profissional e até par ao próprio exercício do trabalho.

Apesar de inúmeras opções profissionais, o magistério continua sendo a profissão recordista na opção feminina nacional e entre as dez profissões mais exercida pelas mulheres brasileiras, 35% delas optam pela profissão do magistério.

Embora cresçam no âmbito profissional, as mulheres continuam ganhando menos que os homens, independente da situação do desempenho da economia, escolaridade, função ou cargo exercido, mesmo que a Constituição de 1998 preconize a proibição de diferença de salário ou função por motivo de sexo, porém os fatos dementem as leis e o que constata-se, é notável a diferenciação entre legalidade e realidade.

Nesta diversidade de definições, de espaços e valorização da mulher no mercado de trabalho, o Estado de Santa Catarina criou o Conselho Estadual dos Direitos da Mulher – CEDIM/SC em 30. 06. 1999, como órgão normatizador, que assim constituiu:

Art. 1º Fica criado o conselho Estadual dos Direitos da Mulher – CEDIM/SC, órgão colegiado, de caráter permanente e composição paritária entre governo e sociedade civil, com a finalidade de promover no Estado políticas públicas que visem a eliminar discriminação da mulher, assegurando-lhe condições de liberdade e de igualdade de direitos, bem como sua plena participação nas atividades políticas, econômicas, sociais e culturais do Estado.

(...)

Art. 4º Compete ao Conselho Estadual dos Direitos da Mulher:

- I. formular diretrizes e promover políticas em todos os níveis da administração pública direta e indireta, visando à eliminação da discriminação que atinge a mulher;

- II. ....
- III. estimular, apoiar e desenvolver estudos e debates sobre a condição da mulher, bem como propor medidas de governo objetivando eliminar todas as formas de discriminação;
- IV. sugerir ao Governador do Estado a elaboração de Projetos de Lei que visem assegurar os direitos da mulher, assim como eliminar legislação de conteúdo discriminatório;
- V. ....
- VI. ....
- VII. receber e examinar denúncias relativas a discriminação da mulher e encaminha-las aos órgãos competentes exigindo providencias efetivas;
- VIII. manter canais permanentes de relação com movimentos e mulheres, apoiando o desenvolvimento de atividades dos grupos autônomos, sem interferir no conteúdo e orientações de suas atividades;
- IX. desenvolver programas e projetos em diferentes áreas de atuação, especialmente programas de emprego e renda;
- X. incentivar e promover a participação e integração social e política da mulher;
- XI. ....

Art. 5º O Conselho Estadual dos Direitos da Mulher será composto por 22 (vinte e dois) membros e respectivas suplentes, dentre mulheres que comprovadamente tenham contribuído na defesa dos direitos da mulher, na seguinte forma:

- I - 11 (onze) mulheres integrantes efetivas e 11 (onze) suplentes, representantes da sociedade civil indicadas pelos movimentos de mulheres;
- II - .....

Art. 8º As funções dos membros do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher não remuneradas, mas consideradas como serviço público relevante.

Art. 9º .....

Art. 10º .....

Art. 11º O Conselho Estadual dos Direitos da Mulher poderá requisitar servidores de órgãos e entidades da administração direta e indireta, sem perda de sua remuneração e demais direitos e vantagens, para compor seu quadro de pessoal

auxiliar, mediante exposição de motivos e necessidade de requisição de servidores.

Art. 12º .....

Art. 13º. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 14º .....

Esta normatização respalda e oportuniza às mulheres catarinenses maior estabilidade de vida, direito, espaços no mercado de trabalho sem preocupações de discriminação e/ou preconceitos, com unificação de direitos.

O amparo legal veio contribuir para que as mulheres fortificassem sua ascensão no mercado de trabalho. Mercado este, que nas últimas décadas ampliou sua diversidade profissional, porém, o magistério ainda continua concentrando grande número de mulheres trabalhadoras.

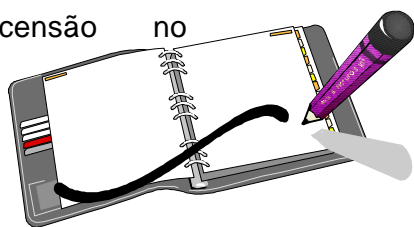


Figura 20. A educação como eixo mercadológico

## 2.4 Perspectivas de transformações: A mulher no magistério

Após séculos de opressão, o grito pela igualdade de direito, tomou proporções inigualáveis e a participação do magistério nessa luta é fundamental, já que se trata de uma profissão essencialmente feminina e especialmente discriminada, devido às jornadas exaustivas de trabalho e aos baixos salários pois, o magistério, enquanto carreira feminina incorpora elementos da ideologia sobre a domesticidade e a submissão da mulher.

Em 1827 foi elaborada a primeira Lei do Ensino ratificando o direito da mulher à instrução. De acordo com o Sindicato dos Trabalhadores da Educação, SC (1994) essa mesma lei:

[...] acentuou a discriminação sexual, pois só admitia o ingresso de meninas na escola primária, não aceitava a co-educação nas escolas e reforçava as diferenças nos conteúdos curriculares, com visíveis diferenças salariais: as professoras eram isentas de ensinar a geometria, mas como o Ensino desta matéria era critério para estabelecer níveis de salário, as mestras, ganhavam menos que os colegas do sexo oposto, embora a legislação determinasse que os salários deveriam ser iguais para ambos os sexos.

Paralelo a esta discriminação, o acesso ao ensino primário, embora fosse considerado gratuito e universal, era limitado. Também era reduzido o número de escolas e sua qualidade era questionável.

Portanto, a menos que fizesse parte da elite social, a maioria das mulheres não tinha acesso à escolaridade. Foi em meados do século XIX que surgiram as primeiras escolas para formar professores. Referenciando Marques (1992, p.xiv) seus escritos confirmam que:

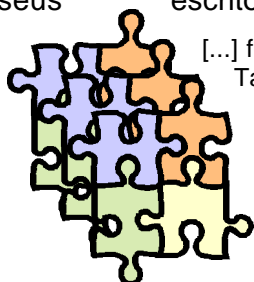


Figura 21. A fusão histórica

[...] foi em 1830, a fundação da primeira Escola Normal Pública das Américas. Tais escolas se disseminaram progressivamente (seriam 540 em 1949), ao mesmo passo que se acentuavam os números absolutos e relativos de professores sem habilitação para o magistério. Pela Lei Orgânica do Ensino Normal promulgada em 1946, as Escolas Normais e os institutos de Educação passavam a ter em seus currículos uma predominância das matérias de cultura geral sobre a formação pedagógica [...]

As mulheres formadas por essas escolas ou iam preencher as vagas no primário de meninas ou eram contratadas como professoras particulares nas residências de famílias abastadas.

Estudos realizados pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNT) (1994) dizem, ainda que, os baixos salários eram encarados como desonrosos e até humilhantes para o homem no exercício dessa profissão. Diante disso, até os anos 30, o magistério era a única profissão feminina respeitável e a única forma institucionalizada para a mulher de classe média. Nesse mesmo período, a escola normal passou a ser profissionalizante. E então, foi consolidado o magistério secundário como ocupação feminina.

A partir de 1970 ocorreram mudanças significativas no perfil da força do trabalho feminina o que afetou a situação do magistério. Além de acentuar a presença feminina em cargos mais elevados de Ensino, a mulher passou a ter ocupações paralelas ao magistério. Faz necessário ressaltar que, apesar de ser um reduto essencialmente feminino, o magistério não está isento das discriminações, que incidem sobre as trabalhadoras nas demais ocupações.

Tomando como referência, o ano de 1974, nos oportuniza uma visão da discriminação profissional que assim segue: as mulheres representavam 32% dos auxiliares do Ensino, 25% dos assistentes, 19% dos adjuntos e 16% dos professores titulares das Universidades Brasileiras. Outra discriminação e a mais aguda, é a salarial. Em 1980, 84,9% das professoras brasileiras ganham menos que cinco salários mínimos por mês, enquanto 47,8% dos professores se situavam na mesma faixa do rendimento mensal. No setor público, onde deveriam prevalecer critérios não discriminatórios, os professores têm renda média de 5,3 salários mínimos, enquanto a das professoras não passa de 1,9 salários.

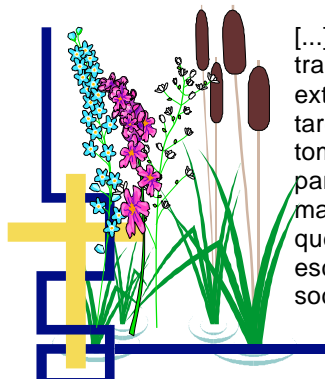
Embora tenha sido reestruturada a questão salarial, ainda existe diferenças neste sentido, mas grande parte das mulheres continuam exercendo sua profissão no magistério.

Frente a isto, podemos considerar os estudos feitos pela Confederação Nacional de Trabalhadores em Educação (1994), no que se refere à justificativa da escolha das mulheres pelo magistério quando relata dizendo:

Ensinar é considerado uma extensão do cuidado com crianças, uma função feminina dentro da família. Educadores argumentavam que, como a escolha de carreira devia ser adequada à natureza feminina, atividades requerendo sentimento, dedicação, minúcia e paciência deveriam ser preferidas. O segundo argumento que justifica a escolha do magistério pelas mulheres, é que a ocupação permitiria conciliar a vida profissional com as tarefas domésticas e familiares, pois além das férias escolares, não exigiria externas jornadas de trabalho. Outra razão para a escolha do magistério ou mesmo para a permanência nele apesar das condições insatisfatórias, seriam as vantagens do serviço público: além da

estabilidade e dos conhecimentos benéficos, os professores(as) não sofreriam controle de qualidade de sua produção.

Em contrapartida, outros estudos também realizados pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (1994), expressam que:



[...] existe um número expressivo de professoras que tem sobrecarga de trabalho, com jornada de pelo menos 48 horas semanais, fora às horas-extras dedicadas ao preparo de aulas, correção de provas entre outras tarefas, além do trabalho doméstico concentrado nos fins de semana e tomar consciência de sua condição subalterna de gênero pode contribuir para que a professora se dê conta do seu papel como agente reprodutor, mas também transformador, no cotidiano da escola. Da mesma forma que a mãe, na vida cotidiana da família, a professora, no cotidiano da escola, pode vir a ser um agente eficaz no processo de transformação social.

Figura 22. A multiplicação de fazeres

## 2.5 ESCOLA ERROS/ACERTOS: possibilidades

As oportunidades oferecidas pela sociedade pós-moderna estabelece nas interações muitas formas de aprendizagem, mas pelos formalismos estabelecidos pelas determinações legais ainda os estabelecimentos formais de ensino é que proporcionam oficialmente o saber sistematizado. Neste sentido, conceitua-se este ambiente como escola. Frente a isto, podemos observar a definição de Aurélio (1998, p.219) sobre escola: “Estabelecimento público ou privado onde se ministra ensino coletivo. Alunos, professores e pessoas de uma escola. Sistema ou doutrina de pessoa notável em qualquer dos ramos do saber”.

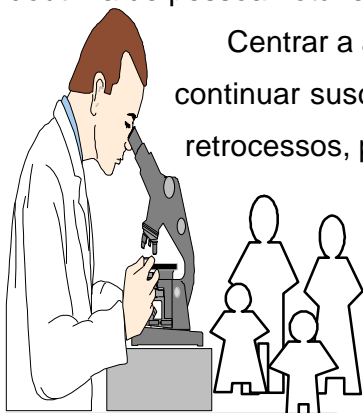


Figura 23. A observação do contexto

Centrar a atenção em torno do conceito escola significa sobretudo continuar suscitando idéias de inclusão e exclusão social, avanços e retrocessos, promoção de conhecimentos, aptidões, valores, atitudes diferenciadas. Para tanto, muitos profissionais da educação encontram-se atrelados a modelos que por assim dizer, desconectados com a realidade sócio-cultural que os educandos se encontram inseridos. Neste contexto referenciando Delors (2000, p.cliii

ainda percebe-se que:

Cada vez mais as crianças chegam à escola transportando consigo a imagem de um mundo - real ou fictício - que ultrapassa em muito os limites da família e da comunidade de vizinhos. As mensagens mais variadas - lúdicas, informativas, publicitárias - que são transmitidas pelos meios de comunicação social entram em concorrência ou em contradição com o que as crianças aprendem na escola. Passando os alunos menos tempo na escola que na frente da televisão aos seus olhos é grande o contraste entre a gratificação instantânea oferecida pelos meios de comunicação que não lhes exige nenhum esforço, e o que lhes é exibido para alcançarem sucesso na escola.

A partir da realidade acima mencionada, é tarefa dos professores transformar a escola 'criando um jeito novo para transformar a educação', bem como estas profissionais deverão 'pensar de maneira diferente o ato de ensinar' e é preciso entender 'o que mudou e o que precisa mudar na escola'. Alencar & Prado (2000, p.14) afirmam nesta perspectiva que: "Graças às inovações a escola está deixando de ser apenas o local onde se acumulam conhecimentos, que tem no professor o depositário da sabedoria e no estudo um fim em si mesmo. Agora é preciso transformá-la num ambiente voltado á reflexão".

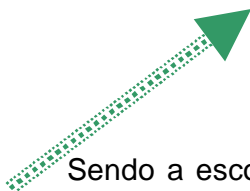
Com professores que aprendam a aprender fica mais fácil encampar a proposta lançada pela Comissão Internacional de Educação no Relatório para a UNESCO (2000, p.lxxxix-xc) segundo o qual:

[...] a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais, [...] os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos a fim de participar e cooperar com os outros em todas atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra a três precedentes.

Essa tomada de decisão é o impulso para uma nova concepção de escola onde – avaliações – projeto pedagógico e ação – são algumas prioridades prementes para o trabalho educacional pois, atualmente uma das bases do ensino implica desenvolver competências na educação, que segundo Gentile & Bencini (apud PERRENOUD, 200, p.xiii) significa:

[...] faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos - como saberes, habilidades e informações – para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações, definições e teorias são apresentadas para que a escola seja um espaço onde sejam supridas necessidades de contexto cultural, profissional e social norteando o trabalho com as necessidades do meio em que o aluno vive.

Devendo ser o educador o mediador e facilitador do processo ensino aprendizagem, cabe a ele criar situações de aprendizagem que possa servir para o resto da vida do aluno. Para Delors (2000, p. cliv):



Professores e escola encontram-se confrontados com novas tarefas: fazer da escola um lugar mais atraente para os alunos e fornecer-lhes a chave e uma compreensão verdadeira da sociedade: construindo assim, de maneira contínua, sua própria qualificação.

Sendo a escola um dos locais para a construção de novos significados aos saberes produzidos, justifica-se a necessidade de que as atividades pedagógicas sejam desenvolvidas com qualidade pois, é a partir da (re) significação do conhecimento que poder-se-á transcender para a qualidade. Qualidade esta, que deve englobar não somente as questões epistemológicas mas que o profissional da educação gerencia suas habilidades e competências com eficiência para que neste sentido.

Nesse sentido é premente considerar as ações do educador, pois dele espera-se, que tenha a visão da sabedoria, da paciência e compreensão que atenua dúvidas e inscreva certezas, transformando as certezas em novas descobertas, novos projetos incentivando a alma, a mente e o coração, nesse instigante mundo mágico do ensinar e aprender.

Figura 24. A diversidade

Sabe-se que é um olhar poético, até certo ponto cômico, afinal são seres humanos que ministram essa tarefa e como tal estão sujeitos a errar ou acertar com imprecisão.

É a educação que rompe o milênio com a tarefa prioritária de todas as nações e de todos os homens. Infelizmente, movida pelas contingências e limites da economia e seus mercados de trabalho e não pela sede do conhecimento.

Passa a ser um esforço comum, universal mesmo porque quem dele for aliado está condenado à marginalidade, ao desterro cultural apartheid econômica.

Se a educação do século XXI não está sendo construir a partir de idéias humanísticas, que seja em nome delas o esforço de incluir toda criança, jovem e adultos nas salas de aula virtuais ou de chão batido.

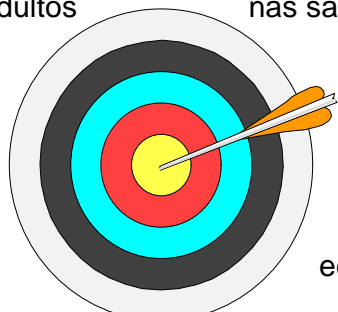


Figura 25. Situações de aprendizagem

Pois é claro que ficar fora da escola já equivale a uma sentença de morte sumária, sem direito de defesa.

Porém surge mais um desafio aos inúmeros de um educador: ser ponta-de-lança, o que tudo indica, será o principal instrumento da democracia, que poderá ter na escola o suporte necessário e viável para o cumprimento de efetiva ação.



Nessa proporção a educação deverá ser a porta ampla e arejada de acesso humano a cidadania ou à própria condição humana, para os avanços que urgem na humanidade. É uma visão romântica até certo ponto cruel e só os mais humanos aceitaram essa tarefa. Nesta condição Pacelli (2001, p. xii) enfatiza que:

[...] O professor vai facilitar o entendimento [...] a partir de uma experiência que tenha contribuído enfocar situações pontuais, permanentes [...] ter sempre disponibilidade para mudanças, tendo na escola [...] espaço de formação que oferece conteúdos diversificados, significativos de qualidade [...] dar ao seu público garantia social, transformação na maneira de viver.

## 2.6 QUALIDADE E QUALIDADE DE VIDA DA PROFISSIONAL MULHER

Investigar qualidade de vida é uma temática absorvida por diferentes áreas das Ciências Humanas e Sociais. Partindo do princípio de que qualidade é aquilo que pelo qual as coisas se dizem tais constata-se como processo da qualidade de vida o conjunto diferenciado e emancipador da complexidade humana, para a sobrevivência e transcendência do indivíduo tendo o homem, como o principal agente deste processo.

Aristóteles (apud BARSA, 1977, p.1454), afirma que **qualidade soma-se a dignidade** que é entendida como ponto de culminância na vida do ser humano a qual busca oportunizar espaços de autonomia e interação na sociedade. A partir, do pressuposto de que cada gesto, cada palavra, está inserida num contexto que transcenda a ele e a sua existência.

Conceituar qualidade de vida é arriscar definir um princípio mutável, considerando que cada ação humana é portadora do futuro e carrega em si toda a História da humanidade bem como, as possibilidades a serem re planejadas e refeitas amanhã. Cada ação, poderá ser uma síntese única e universal do ser homem. Cada ato, terá o poder de estabelecer, definir e articular o sujeito epistêmico com o sujeito social.

Assim, faz-se necessário refletir sobre as questões que se referem é qualidade compreendida como marco de referência para o existir e o fazer. É preciso dizer-se, entretanto, que o conceito qualidade engloba aspirações, necessidades, perspectivas e realizações humanas que passam pela relação indivíduo-trabalho-

organização, abrangendo responsabilidades sociais, delimitando qualidade de vida.

Durante séculos, o homem vem almejando essa transformação, procurando administrar desta forma, e melhoria de sua Qualidade de Vida. Apesar disto, é recente a preocupação de alcançá-la por meio de técnicas. Buarque (1993, p. clvii) observa que:

Durante séculos, a qualidade de vida estava em não ser ameaçada pelos deuses, nem ser surpreendidos pelas intempéries, e ter força para resistir aos inimigos naturais ou humanos. A vida era a rotina, e qualidade era não quebrar a rotina.

Convém recordar que após a revolução Industrial, a Qualidade de Vida passou a ser vinculada a residir em áreas urbanas, trabalhar com máquinas, ter conforto pessoal e social, controlar da melhor maneira a natureza. A partir do século XX, o conceito de Qualidade de Vida foi substituído pelo de modernidade. A contribuição dos produtos e a análise das atitudes praticadas, pelo homem, passaram a estipular o grau de inovação social em que esta Indústria ou este homem está inserido. (Abicalil, 1997)

Porém, a disponibilização da tecnologia ao alcance de todos e as técnicas formuladas para a Qualidade de Vida ainda não detêm o poder para erradicar a fome, a violência, a ignorância e a desigualdade. Percebe-se que a tendência à igualdade continua desafiando o homem a somar na elaboração de seus projetos, criatividade e evolução que esbarram em fatores como igualdade, liberdade e equilíbrio. Buarque (1993, p.cv) evidencia esta idéia afirmando que:

Fica difícil imaginar como a modernidade [...] pode se transformar em realidade, diante de duas condições trágicas da humanidade: uma violência intrínseca de cada indivíduo em relação ao resto do mundo; e a contradição de imaginar uma modernidade libertária onde valores básicos ficam definidos [...] duas condições fazem possível imaginar a possibilidade e a conveniência [...] de uma nova qualidade de vida. Primeiro, o risco do colapso da atual modernidade [...] novos rumos para o processo civilizatório; segundo, porque se nada indica que haverá uma reorientação do projeto civilizatório, nada indica que ele será impossível.

Assim, a relação entre qualidade de vida e trabalho está intimamente ligada por tecnologias, processos, produtos, produção, sistemas etc. implicando na ação do homem como resultado final. Este é o requisito mais importante, não só para a qualidade, mas para todos os processos de manutenção, continuidade, mudança ou mesmo estagnação de uma sociedade.

Portanto, sendo o homem o principal agente deste processo, deve ser fator preocupante, para qualquer instância de sua presença a participação, o que este homem pensa, o que ele sente, o que ele é. Fernandes (1996, p. xxxviii) ilustra com propriedade este entendimento afirmando que:

Qualidade de vida no trabalho é ouvir as pessoas e utilizar ao máximo sua potencialidade. Ouvir é procurar saber o que as pessoas sentem, o que as pessoas querem, o que as pessoas pensam [...] e utilizar ao máximo sua potencialidade e desenvolver as pessoas e procurar criar condições para que as pessoas, em se desenvolvendo, consigam desenvolver a empresa.

Desta forma, resgatando valores humanísticos e ambientais estar-se-á melhorando a situação de trabalho, o ambiente social e profissional, a relação entre os sujeitos, gerando assim, melhor qualidade de vida do trabalhador.

Paralelamente a este enfoque, qualidade de vida tem conotação etnológica, pois otimiza a valorização da 'persona'; dar-se-á maior valorização se a sociedade como órgão de vontades próprias, meio humano, reunião de seres que defende interesses comuns, tanto sociais como pessoais, conseguir conectar a vida de forma qualitativa, assim, a humanidade estaria registrando historicamente sua transcendência; se o homem entende que ele como vínculo de sua existência detêm o poder que modifica, que transforma, que de certa maneira cria plenitude de efetivas mudanças determinando novas maneiras de se viver, assim, conceberia diversidades de experiências existenciais.



Figura 26. Qualidade de vida

Porém, é necessário ter-se consciência que esta perspectiva de vida mescla-se de múltiplas elaborações e desafios. Lodon & Gehringer (2001, p. lxi) ilustram com sabedoria este momento de transição social afirmando que:

Essa nova comunidade, a chamada sociedade da informação [...] se caracteriza por coisas como a abstração, a virtualidade, a conectividade e a qualidade do trabalho. E, como regra básica para que ela exista as noções de tempo e de espaço que nortearam a humanidade nos últimos milênios terão que ser desmontadas e reestruturadas em uma nova ordem [...], ainda não sabemos se melhorar a qualidade do trabalho vai significar mais ou menos trabalho [...], intensidade intelectual [...]talvez nem venhamos a ser os inquilinos desse novo mundo. Somos, por enquanto, os pedreiros que o estão construindo.

Nesta perspectiva de mudança consciente ou inconsciente vivenciamos confrontos diários entre a realidade e as projeções idealizadas de uma melhor qualidade de vida que constantemente desafia-nos na procura de um modelo de vida justo e equilibrado, condição determinante para a inclusão e a justiça social, Silva (2001, p.xlii) considera que:

Vivemos as conseqüências do período de busca incessante e frenética de respostas da existência humana centradas e calçadas no método científico e no Paradigma Mecanicista. Temos como herança desse paradigma os maiores avanços tecnológicos que a humanidade já presenciou. Somos a geração das novidades e dos avanços significativos em todas as áreas do conhecimento [...], somos resultantes de uma era de conflitos diversos e herdeiros de inúmeros problemas [...], enfrentamos situações paradoxais, tais como a convivência da tecnologia suficiente para a produção agrícola, num mundo com índices alarmantes de fome e desnutrição. Temos tecnologia para salvar vidas, mas grande parte da população mundial morre por não ter acesso à assistência médica. Temos excelentes Instituições de Ensino formadoras de professores, mas a profissão de educador, professor continua desvalorizada e desprestigiada, e os alunos gostam cada vez menos da escola. Nunca tivemos tantos recursos tecnológicos a nos servirem com muito estímulo e facilidade de lazer, em contrapartida nunca sentimos tanto stress e vazio [...] distanciando-nos de nós mesmos, de nossas buscas fundamentais.

O gosto, a eficiência e a força de trabalho movem o homem, a História. Acreditando ser este o instrumento determinante de oportunidades inovadoras que poderão nortear com credibilidade o ponto de partida da reconstrução da qualidade de vida para e com o homem deste milênio. Frisamos os escritos de Fernandes (1996, p.xiii) os quais afirmam que:

Esta tendência pode ser observada em todos os países do mundo, inclusive no Brasil, é decorrência da necessidade de atender-se a um mercado cada vez mais acirrado pela concorrência [...] tentativa para satisfazer consumidores cada vez mais exigentes [...] impõem-se a necessidade de um gerenciamento mais eficiente da força de trabalho [...] mais conscientizada e instruída, não aceita com facilidade trabalhar em condições pouco adequadas e satisfatória [...] abrindo espaço para novas formas de organização do trabalho e Implantação de tecnologias direcionadas para a qualidade de vida.

Tais conceituações, evidenciam interna busca de novas formas e pretextos direcionados para a construção de uma vida qualitativa, que tenha como meta aspectos organizacionais, tecnológicos e produtivos; porém, como elemento central desta reestruturação está a perspectiva de elaboração de propostas que orientem e movam a ações que particularizem qualidade de vida.

Em outras palavras, evidenciar qualidade de vida no decorrer desta era, torne-se evidente inculcar o entendimento de valorização do ser humano bem como, sua

estabilidade social. Estas questões tomam-se evidentes quando retratamos o papel que a mulher exerce para a evolução histórica da humanidade.

Presume-se desta forma que, o local de trabalho, os relacionamentos intra e interpessoal deverão estar em consonância para uma qualidade de vida premente para a realização pessoal; ser feliz.

A mulher atualmente, encontra-se integrada e em crescente conquista profissional embora, continue em desvantagem em nível de igualdade nas organizações da sociedade civil, nas centrais de trabalhadores, nas Organizações não governamentais, na direção das entidades patronais, independente da situação: desempenho da economia, escolaridade, função ou cargo exercido. Stocco e Tonelli (1991, p. xxxiii) quando retomam a presença da mulher no mercado de trabalho afirmam que:

As mulheres que fazem sucesso hoje foram aquelas que mostraram não só competência, mas foram avaliadas como confiáveis, pois investiram na organização, tiveram persistência num período de possível conflito entre as duas demandas e se encontram num período de estabilidade familiar, com decréscimo da exigência de umas das partes: família. O crescente número de mulheres de meia idade fazendo sucesso nas organizações parece ser explicado em função do tempo que esse investimento requereu.

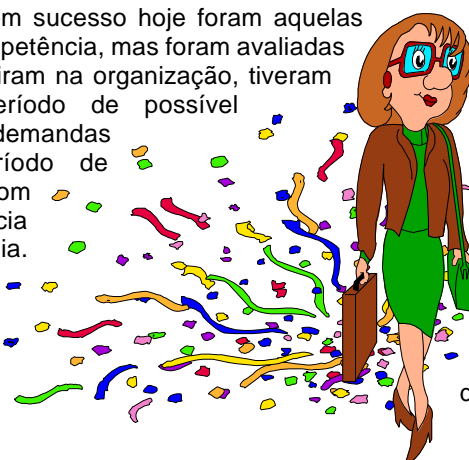


Figura 27. O reconhecimento profissional pelo esforço pessoal

A alta competitividade obriga a mulher estar em constante aperfeiçoamento aliado a intensas jornadas de trabalho que se por um lado, são motivos de cansaço e stress, por outro, torna-se um espaço que possibilite sair de uma postura de submissão, tendo voz de maneira competente e adequada nas implantações das conquistas inovadoras, assumindo plenamente sua natureza, através do próprio conhecimento e participação coerente nas mudanças da conduta social dos alicerces desse processo vertiginoso de evolução.

A mulher não chega ao mercado de trabalho como trabalhadora, mas sim como mais uma mulher que vai trabalhar. A concorrência por este espaço traz imbuído significados que poderiam traduzir-se em discriminações e Cohen (apud MONLEVADE, 1997 p. x) ilustra com autoridade este momento afirmando que:

[...] o que se espera das mulheres no trabalho, é que tenham prática relacional, satisfaçam necessidades emocionais e criem condições para que outros possam crescer. São características como essas [...] que apontam a vantagem da mulher no mercado de trabalho do futuro. O que todos se esquecem de dizer é que esses comportamentos são exigidos mas não são recompensados. Em suma: espera-se que as mulheres se identifiquem com o estereotipo feminino e sejam delicadas, atenciosas, compreensivas, incentivadora [...] quando fazem isso seu comportamento não é considerado trabalho. Por isso, poucas mulheres chegam a cargos de chefia.

O sucesso das mulheres ocorrido nas organizações leva-nos á análise dos papéis tipicamente femininos, (maternidade, educação dos filhos) encarados sem culpa. A crise no relacionamento entre o homem e a mulher está ligada entre os fatores, aos avanços que a mulher obteve nas últimas décadas, na educação, na economia, e na política.

O país tem hoje cerca de 3 milhões de mulheres a mais que homens. Os fatos expressos e a dura concorrência, fazem com que as conquistas femininas, adquiram hábitos que eram exclusivos dos homens, como consumo de cigarros e bebidas; a mulher passou também a ter maior participação nas estatísticas de acidentes de trânsito, violência urbana e mortes provocadas por doenças cardíacas, causadas por stress no acúmulo excessivo de trabalho.

Assim, percebe-se que a mulher inserida no mercado de trabalho sofre interferências diversas afetando diretamente as relações afetivas, pessoais, morais, profissionais, éticas, conseqüentemente sua qualidade de vida. Porém, mesmo que estes fatos mereçam atenção, as mulheres continuam ampliando seu empenho e participação em todos os níveis de enriquecimento, tanto pessoal quanto profissional, obtendo como retorno espaço garantido na vida profissional, social e pessoal.

## CAPÍTULO 3

### 3 EXPOSIÇÃO DA PESQUISA REALIZADA

#### 3.1 Resultado da Pesquisa, Discussão e Análise dos Dados

Neste capítulo, mostra-se, apresenta-se os resultados, discute-se e analisa-se os dados coletados nesta pesquisa como o pensar, o ser e o fazer de um grupo de dezoito mulheres professoras, que se reúnem, realizam e confrontam idéias e ações na Escola de Educação Básica Deputado Nilton Kucker Itajaí (SC), entrelaçando feitos, derrotas, vitórias. Por fator ético, visando preservar a identidade, denominou-se que as entrevistadas seriam identificadas como Professora 1, Professora 2 e assim sucessivamente.

A pesquisa constitui-se de uma investigação semi-estruturada com perguntas subjetivas para que os sujeitos sociais obtivessem abertura ao participarem das entrevistas, assim, nortear o levantamento bibliográfico que suplantou o desenvolvimento do estudo. Com as questões de pesquisa objetivou-se investigar a mulher professora no exercício de suas funções para identificar quais aspectos influenciam e/ou definem sua qualidade de vida.

As entrevistas foram norteadas por enfoques que abordaram os dados gerais dos sujeitos ativos; a individualidade: As questões inter e intra pessoais; O profissionalismo: Inserção no mundo do trabalho e o social: Influências e interferências.

Figura 28. O encontro com a realidade

#### 3.2 Dados gerais dos sujeitos ativos

Como sujeitos ativos, foram entrevistadas dezoito mulheres professoras da Escola de Educação Básica Deputado Nilton Kucker. O grupo foi formado de maneira voluntária, pois resultou de um convite realizado a todas as professoras (quarenta) que exercem sua profissão na escola. Porém, somente dezoito se pré-dispuseram a participar da pesquisa evidenciando receptividade à entrevista.



Figura 29. O ser e o fazer

Ressalta-se neste momento, a idade, o tempo de serviço, a carga horária e a formação acadêmica das professoras participantes. Sob o exposto, constata-se que 88% (oitenta e oito) das entrevistadas possuem formação em Educação Superior, dentre as quais, 33% (trinta e três) possuem Pós-Graduação - especialização e 2% (dois) cursaram só o Ensino Médio.

O tempo de serviço das entrevistadas oscilou entre 4 e 27 anos de exercício da docência, predominando a média de 20 anos de trabalho. Este exercício, perfaz o percentual de 72% (setenta e dois) com carga horária de 40 horas semanais. As demais pesquisadas, 28% (vinte e oito) desempenham suas funções entre 20 - 30 - 50 - 60 horas semanais.

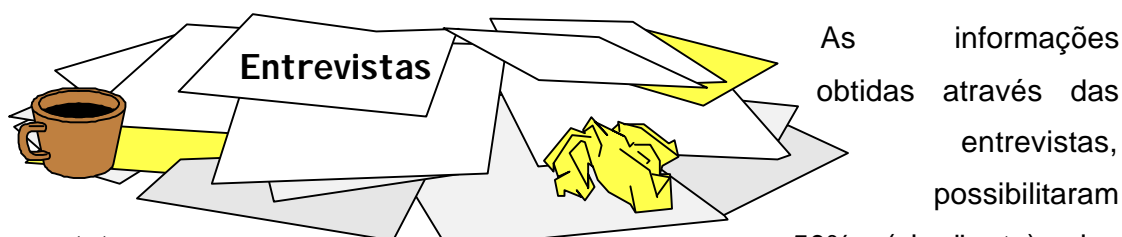
Frente a estes aspectos, observou-se que uma permanência extensa, tanto tempo de serviço quanto carga horária, num trabalho-docência possui variáveis como: realização pessoal e profissional, cumprimento de horário, defasagem salarial, relacionamento com os alunos, suas famílias, colegas de trabalho, com a comunidade em si, formam um conjunto de fatores que quando mal administrados, podem resultar em estresse, medo e insatisfação. Araújo (1998, p.xii) ilustra este entendimento afirmando que:

As fontes de insatisfação e de ansiedade, possível de serem diagnosticadas no dia-a-dia de trabalho dos professores [...] podem produzir efeitos nocivos à saúde. Assim, entender os processos de construção das condições que podem desembocar em fontes de sofrimento, por sua vez, pode contribuir para a produção de condições que fortaleçam a perspectiva do trabalho como fonte de realização, satisfação e prazer.

Neste enfoque, a relação homem-trabalho poderá assinalar uma trajetória de ações que interferem na qualidade de vida do profissional. O parâmetro 22 a 48 anos constituiu o dado pesquisado, idade cronológica.



### 3.3 Da Individualidade: As questões inter e intrapessoais



constatar professoras que 50% (cinquenta) das participantes da pesquisa optaram por exercer a docência no magistério por vocação, dados estes comprovados por relatos como:

➤ "Porque é a profissão na qual me identifico, principalmente nas séries iniciais, pois adoro as crianças e o que faço" **Professora 7.**

➤ "Por gostar de desafios e querer estar sempre em contato com os jovens e crianças" **Professora 10.**

➤ "Pela necessidade de ocupar meu tempo quando ainda adolescente. Depois, gostei muito desta atividade e não consegui mais parar de exercer essa "missão". Também pelas relações que se dão nesse exercício, que no final de contas são as relações que sobram pois, elas são estímulos e razão dessa opção" **Professora 1.**

➤ "Porque tem tudo a ver comigo, porque gosto do que faço e acima de tudo me sinto realizada profissionalmente" **Professora 9.**

A exposição dessas falas, reporta-nos a Delors (2000, p.c) que em relatório para a Unesco sobre Educação para o século XXI afirma:

Mais do que nunca a educação parece ter como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos de seu próprio destino.

Enfoque este que certifica o entendimento de que para realizar-se na e a partir da profissão a professora – educadora, necessita ter discernido, ter bem resolvida a questão opção profissional.

Em contrapartida, 50% (cinquenta) das entrevistadas, optaram por "acaso" por desempenhar a profissão no magistério. Nesta prospectiva, enfatizamos alguns depoimentos:

➤ "Por acaso, queria fazer um curso superior e optei por Letras. Gostei e atuo nesta área" **Professora 4.**

➤ "Tendo me formado no 2º grau no curso normal, prestei vestibular para o curso de Direito, não passei neste e querendo ocupar o meu tempo resolvi cursar o Magistério. Cursando o Magistério, gostei e acabei optando pela Faculdade de Pedagogia" **Professora 6.**

➤ "Porque não tinha condições de cursar outro curso, outra faculdade" **Professora 13.**

➤ "Pelo fato de eu ter cursado o curso de Letras" **Professora 16.**

➤ "Porque eu queria voltar a estudar e porque é uma profissão de fácil acesso". **Professora 17.**

A configuração destes dados remete-nos aos escritos de Piletti (apud LUCKESI 2001, p.20) que afirmam: "Todo sujeito é uma expressão do todo e, por isso, os seus atos tanto sofrem a ação do todo como atuam sobre ele".

Esta abordagem evidencia urgência nas mudanças para atender a maneira de pensar e agir integradas e associadas à dimensão da vida, em suma, urge a reestruturação dos critérios utilizados para a opção profissional que, em muitos contextos, encontram-se obscuros, não oportunizando clareza para a opção e satisfação profissional, bem como ineficientes para atender as demandas do

mercado de trabalho.

Buscando analisar a atualização profissional em consonância as demandas de mercado, questionou-se os sujeitos ativos como, organizam seu tempo para a busca constante de seu aperfeiçoamento. O conteúdo resultante fez o percentual de 77% (setenta e sete) confirmado pelas falas das entrevistadas, que realizam aperfeiçoamento:

➤ "Participo sempre de cursos para me atualizar, porque senão não vou conseguir acompanhar o ritmo das coisas. Também leio diariamente revistas, textos, livros, jornais." **Professora 4.**

➤ "Este ano resolvi enfrentar o desafio de cursar uma Pós-Graduação - especialização, me sinto super atarefada e sem tempo pra mim, porém estou feliz por estar superando este desafio e vencendo o cansaço" **Professora 5.**

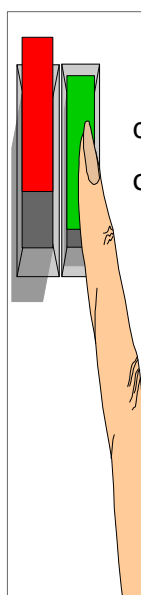


Figura 31.  
A conexão  
com o saber

➤ "Procuro me atualizar com informações e trocando informações e experiências com colegas que atuam na mesma área" **Professora 7.**

➤ "Como ainda sou novata no magistério, tento estar sempre me informando, pesquisando e tentando nunca deixar a desejar na minha profissão" **Professora 9.**

Na dialética profissional, o aperfeiçoamento estabelece um processo permanente e imperativo para aquisição do conhecimento. Delors (2000, p.cccxxxiv) em seus escritos, enfatiza que:

Para ter acesso a uma melhor qualidade de vida devemos melhorar os nossos conhecimentos. É preciso progredir no campo [...] das ciências sociais e humanas [...] Para garantir a qualidade em nível humano é preciso melhorar também o sistema de valores [...] perspectiva do desenvolvimento humano sustentável.

Na continuidade enfatiza-se o percentual de 23% (vinte e três) das mulheres entrevistadas as quais disseram não realizarem o aperfeiçoamento profissional. Destacam-se as seguintes falas:

➤ "Meu tempo é bastante curto para tudo o que tenho pra fazer. Às vezes me culpo, por negligenciar este aspecto " **Professora 3.**

➤ "É difícil. Faz tempo que venho tentando fazer uma especialização. Hoje estou sem tempo e atarefada. Com muito cansaço, porém sei que valeria a pena". **Professora 16.**

➤ "Atuo numa área que não há atualização ou aperfeiçoamento". **Professora 14.**

Embasada na teoria da formação continuada percebe-se que as profissionais acima mencionadas, desconhecem, se omitem ou são resistentes a qualificação profissional, permanecendo na mesmice, sendo retrógradas para melhorar a qualidade profissional e o ensino escolar. Em relação a este enfoque, Thompson (apud DELORS 2000, p.cliii) afirma que:

Para melhorar a qualidade de educação é preciso, antes de mais nada, melhorar o recrutamento, a formação, o estatuto social e as condições de trabalho dos professores, pois estes só poderão responder ao que deles se esperar se possuírem os conhecimentos e as competências, as qualidades pessoais, as possibilidades profissionais e a motivação requeridas.

Elucidar este contexto, é enfocar possibilidades de mudanças que envolvam as políticas públicas os profissionais da educação e toda a comunidade escolar.

Constata-se que, atualmente, a vida concentra proporções intensas no que concerne ao ser e ao fazer social, ou seja, nas relações pessoais da vivência em sociedade e no desempenho da profissão, exercícios que poderão desencadear estresse. Questionou-se as professoras quanto ao entendimento deste aspecto. As respostas, reuniram o percentual de 100% (cem) que afirmaram viver o estresse e estarem conscientes de que há interferência desta variável em sua prática pedagógica, o qual confirmam os seguintes relatos:

- “Estou cansada, esgotada, sinto que estou no meu limite”. **Professora 3.**
- “Sinto cansaço físico-mental, me sinto sem esperança”. **Professora 2.**
- “Me sinto cansada, lutando pela sobrevivência, na incompreensão, com falta de oportunidade e descaso”. **Professora 5.**
- Excesso de trabalho. 14 horas (catorze) relógio, sem contar com a família e ainda com compromissos extras. Enfim, sobra pouco tempo para meu descanso”. **Professora 4.**
- “É um estado de desequilíbrio emocional porque atualmente não venço mas tantas expectativas, cobranças, adversidades que preciso enfrentar. Falta força e incentivo”. **Professora 1.**
- “Convivo com situações injustas, não tenho minhas necessidades básicas supridas, sei que meu salário não cobre meus gastos e não tenho expectativas de soluções rápidas para meus problemas afetivos e financeiros”. **Professora 17.**
- “Creio que é o cansaço da rotina, do desgosto, da frustração em setores importantes em minha vida como o pessoal, o social e o econômico. Como consequência tenho desgaste físico e mental”. **Professora 6.**

A força do conteúdo destes dados, nos permite referenciar Siqueira e Noronha (apud MENEZES 2002, p. vii) que ilustra este viver afirmando:

A síndrome denominada, Bournout, esta afetando os profissionais de ensino [...], fazendo com que haja uma perda de entusiasmo pela profissão [...] o profissional, principalmente o professor, deixa de ver sentido em suas ações, passando a considerar qualquer esforço inútil [...], impotência diante da falta de reconhecimento e das condições de trabalho [...] jornadas múltiplas de trabalho (um mesmo profissional chega a trabalhar em cinco escolas) cobranças por parte da sociedade que faz com que os profissionais, além de desprestigiados, sintam-se desprezados, a baixa auto-estima de quem escolheu como ofício a educação.

Esta situação nos impõe considerar que os profissionais inseridos na educação, vivem um momento significativo, diferenciado em relação a sua saúde.

Na seqüência, por considerar a questão estresse como fator negativo para a qualidade de vida, referencia-se Araújo (1998, p.xxxiii) que ilustra este aspecto afirmando:

[...] trabalho repetitivo, ritmo acelerado de trabalho, falta de autonomia no planejamento das atividades e pressão da chefia [...] aparecem inter-relacionados e caracterizam tarefas com conteúdos pouco enriquecedores sem envolvimento afetivo [...] nessas situações, o trabalho não possibilita uma interação prazerosa dos trabalhadores com seu trabalho [...] e, sem vínculos afetivos com tarefas executadas diariamente, pode tornar-se uma via de sofrimento, uma porta de entrada para o adoecimento.

Sob este prisma, buscou-se investigar como os sujeitos ativos administravam esta variável no âmbito pessoal, no desempenho do trabalho e no convívio com a família. 33% (trinta e três) das participantes das pesquisas, disseram que estando estressadas elaboram prioridades para o agir e o conviver como configuram os dados:

#### **Frente ao contexto pessoal:**

- “Faço pausas para meditar e pensar naquilo que é primordial para mim e deixar o resto de lado”. **Professora 3.**
- “Me sinto cheia de conflitos, por isso procuro me ocupar com coisas que me fazem bem como orar e pensar positivo”. **Professora 5.**
- “Me trato para voltar ao meu bem estar”. **Professora 8.**
- “Estipulo prioridades”. **Professora 1.**

#### **Frente ao contexto do trabalho:**

- “Procuro desempenhar meu trabalho sem dar muita atenção às críticas negativas que acontecem o tempo todo”. **Professora 3.**
- “Apesar de ser um trabalho estressante, é nele que me refugio. Parece incoerente, mas me sinto bem com os alunos no trabalho”. **Professora 5.**
- “Gerencio com bom senso, priorizando as coisas que realmente tem relevância e descarto as mesquinhas”. **Professora 1.**
- “Procuro não prejudicar meu serviço, fazendo um bom tratamento”. Professora 8.

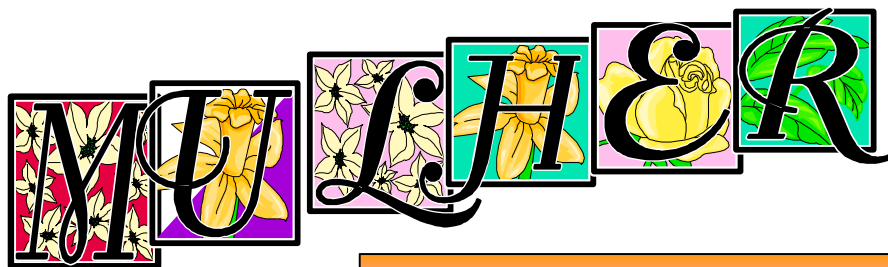


Figura 32. O ser mulher é inerente ao contexto

### Frente ao contexto da família:

- “Tento dialogar com atenção e carinho”. **Professora 1.**
- “Eu consigo me controlar, e os membros da família são compreensivos”.  
**Professora 2.**
- “É a família que mais sofre com o meu estresse pois é nela que acabo extravasando tudo”. **Professora 5.**
- “Tem a tendência de me isolar, mas logo percebo que isto não é bom, então reajo e cobro de todos a parcela que cada um deve dar no sentido das coisas para que tudo corra e ande melhor”. **Professora 3.**
- “É um desequilíbrio geral”. **Professora 6.**
- “É a família que sofre as conseqüências”. **Professora 12.**

Considerando outros relatos, verifica-se que 16% (dezesseis) das entrevistadas falaram que quando estão estressadas **procuram se tratar**; outras 22% (vinte e dois 4) relataram que **procuram se isolar**, ‘fico quieta’, como ilustrou este aspecto a **professora 10**; 11% (onze) disseram que quando conscientes desta variável, não desanimam ‘vou em frente’ professora 17; mais 11% (onze) falaram não saber o que fazer, como disse a professora 11 “tenho dificuldades” e 5% (cinco) representou o enfoque impaciência, caracterizando irritação e raiva.

Nestas visões, salienta-se os escritos de Silva (2001, p.xlii) que afirma:

Vivemos as conseqüências do período de busca incessante e frenética de respostas da existência [...] centradas no método científico [...] a tecnologia a serviço [...] Em contrapartida, nunca sentimos tanto estresse e vazio [...] distanciando-nos de nos mesmos e de nossas buscas fundamentais.

Nestas circunstâncias, a modernidade enfatiza poderes sociais e faz emergir condições existenciais que impelem para que pensamentos, energias, atitudes e ações convivam simultaneamente na vida em sociedade.

Neste cenário, questionou-se as entrevistadas como conciliavam o desempenho profissional com a vida em família. Obtendo-se como resultado o percentual de 55% (cinquenta e cinco) que disseram, não **misturar as coisas**, em depoimentos como:

- “Procuro administrar os horários para conseguir coordenar bem cada atividade”. **Professora 7.**
- “Não misturo o profissionalismo com a família”. **Professora 10.**
- “Da melhor maneira possível, tentando não levar para casa os problemas do trabalho”. **Professora 11.**
- “Por serem coisas distintas e por estar um pouco descontente com o trabalho, coloco a família em primeiro plano”. **Professora 13.**
- “Jamais permito que problemas profissionais interfiram em minha vida familiar e vice versa”. **Professora 15.**

Ilustrando este entendimento, Codo e Menezes (2000, p.xii) afirmam:

Quando falamos da relação entre a subjetividade humana e a objetividade do trabalho, supomos haver um ponto de equilíbrio que garante que o homem se relacione com o mundo real, concreto, que reconheça a ação como sua e reconheça-se enquanto ser humano, igual a tantos outros e ao mesmo tempo único na sua individualidade.

Na continuidade, destaca-se o percentual de 11% (onze) das professoras que registraram não conseguir conciliar estes aspectos, disseram:

- “Minha vida é superficial pois estou fora de casa quase vinte quatro horas por dia, inclusive no sábado. Restando então as horas de refeição e os domingos, quando ocupo inteiramente para planos de aula e trabalhos de faculdade”. **Professora 6.**
- “Vivo mais tempo na escola do que na minha casa”. **Professora 12.**

Este sentir é ilustrado por Perez (2001, p.38) quando afirma: “Conquistar espaço não é sinônimo de ter igualdade. As mulheres ainda fazem dupla jornada ganham menos que os homens quando exercem a mesma função [...]”.

As outras professoras caracterizaram não terem controle da situação, como evidencia a **professora 17** “Eu poderia fazer bem mais e melhor, tanto na parte familiar como na profissional, pois tenho capacidades para dar o melhor de mim, porém, muitas vezes me anulo deixando o barco a favor da maré para ver onde ele vai chegar”.

Atenta a este aspecto, investigou-se de que forma a mulher, mãe, esposa, professora... concilia suas múltiplas funções. Um percentual de 55% (cinquenta e cinco) disse que ainda buscam alternativas para esta constante em suas vidas relatando:

- “Às vezes, as coisas ficam tumultuadas porém a família acaba se acostumando e vai se moldando conforme a situação”. **Professora 5.**
- “Tenho feito um grande esforço para desempenhar este tríplice papel a que nos mulheres estamos submetidas, porem percebo que ainda falta organizar melhor meu tempo”. **Professora 3.**
- “O lema é não fazer amanhã o que posso fazer hoje”. **Professora 14.**
- “Trabalhando o dobro nos finais de semana”. **Professora 12.**
- “Preciso estabelecer horários extras para conseguir cumprir minhas atividades, às vezes de madrugada e outras nos domingos, ou ainda, nos horários de folga nos serviços”. **Professora 6.**

Neste enfoque, salienta-se os escritos de Codo e Menezes (2000, p.26) que em relação a inserção profissional afirmam:

Para o ser humano, não é possível investir somente energia física quando realiza um trabalho; a relação não é e nem pode ser meramente objetiva. Ali estão também depositadas suas alegrias, suas insatisfações, suas queixas e sonhos ... a subjetividade que não se pode deixar guardada na gaveta antes de sair de casa.

Sob este contexto, entendes-se que ao exercer a profissão, especialmente de professora é quase impossível **separar as relações**, trabalho – família, pois estas interagem, mesclam-se no ser e no fazer. O percentual de 27% (vinte e sete) das entrevistadas, acredita que pelo fato de serem mulheres, reúnem condições para conciliarem estas funções com harmonia.

- “Sempre organizo bem as atividades”. **Professora 4.**
- “Sou professora-mãe e mãe-professora”. **Professora 1.**
- “Acredito que a mulher tem um dom especial para se organizar e ser perseverante”. **Professora 5.**
- “Acho que pelo fato de ser mulher , me torno mais apta para conciliar as múltiplas funções e faze-las da melhor forma possível”. **Professora 7.**

Em consonância a este entendimento, Delors (2000, p.xlvii), enfatiza afirmando que:

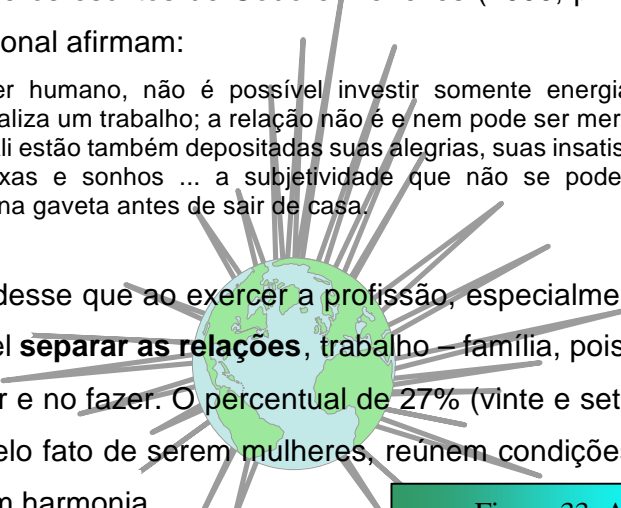


Figura 33. A subjetividade humana



A compreensão do mundo passa pela compreensão das relações que ligam o ser humano ao seu meio [...] trata-se de reorganizar os entendimentos de acordo com uma visão de conjunto de laços que unem homens e mulheres ao meio ambiente [...] exigência de uma solidariedade em escala mundial.

Vale ressaltar que 18% (dezoito) das professoras entrevistadas, disseram que preferem não tentar conscientizar estas questões, afirmando:

- “Prefiro fazer a coisa certa na hora certa para não me sobrecarregar”.

**Professora 16.**

- “Cada atividade merece sua atenção especial”. **Professora 13.**

Noutra consideração, perguntou-se às entrevistadas, de que maneira a afetividade interferia no exercício da docência. O percentual de 77% (setenta e sete) respondeu que interferia de várias maneiras, configurando dados como:

- “Eu gosto do que faço, por isso sempre arrumo muito carinho, amor e dedicação para os meus alunos”. **Professora 12.**
- “Sou uma pessoa feliz e isso faz com que realize tudo o que faço com dedicação. Também sei que sou amada pelos meus filhos”. **Professora 13.**
- “Quando uso de empatia, tudo corre de forma mais suave, conquisto o aluno e o aprendizado se torna mais pleno”. **Professora 3.**
- “Procuro passar um alto astral para os alunos e colegas de trabalho para que o ambiente fique mais harmonioso”. **Professora 15.**
- “Incentivo o aluno pois acredito que a criança com baixa-estima sente-se incapaz de realizar algo que tenha valor e poderá bloquear a linha receptiva do conhecimento”. **Professora 6.**
- “O dia que não estou de bem comigo mesmo meu desempenho não é o mesmo, não rende, não transpareço o que sou”. **Professora 8.**
- “Interfere em tudo, pois, como ser humano estou a mercê das variações emocionais, psicológicas e físicas. Sou suscetível a estas oscilações, trabalhando com seres humanos que também são suscetíveis a estas oscilações, fica muito difícil estabelecer parâmetros de relacionamento. É preciso ser muito profissional”. **Professora 5.**
- “De todas as maneiras. No respeito as individualidades e diferenças ,no carinho com que planejo meu trabalho”. **Professora 1.**

Ilustrando os dados acima mencionados, Codo e Menezes (2000, p.xiii) referenciam em seus escritos sobre a saúde do trabalhador em educação, afirmando que:

Inserido numa atividade onde o cuidado é inerente, o trabalhador precisa estabelecer relações, criar um vínculo afetivo com alunos, [...] Acontece que, por ser uma atividade mediada, este círculo afetivo nunca se fecha: o indivíduo investe no objeto sua energia afetiva mas, esta, ou invés de retornar integralmente para o seu ponto de partida, dissipa-se frente aos fatores mediadores da relação.

Em seguida, apresenta-se o percentual de 23%(vinte e três) dos sujeitos ativos que relataram a afetividade não interferir na profissão, afirmando:

- “No meu caso a afetividade não interfere em nada, no exercício da docência”.  
**Professora 14.**
- “Pra mim, isso fica distante”. **Professora 18.**
- “Pra mim não interfere em nada, pois procuro não me sobrecarregar no trabalho e em casa”. **Professora 16.**

Lê-se, nestes dados, o entendimento de que é possível interagir no trabalho, com outros seres humanos, sem envolver-se afetivamente, porém Rubem Alves (1995, p.cxlvii) ilumina este sentir afirmando:

Todo jardim começa como um sonho de amor. Antes que qualquer árvore seja plantada ou qualquer lago seja construído, é preciso que as árvores e os lagos tenham nascido dentro da alma. Quem não tem um jardim por dentro não planta jardins por fora. E nem passeia por eles”.

Nesta dimensão, considera-se que talvez a melhor prática das práticas, do educador, seja aquela fundamentada no amor de preparar o jardim e ter consciência de que ele terá a forma e a vida que cada educador designar a ele.

Frente a diversidade de horários, proporcionado pelo mercado de trabalho, perguntou-se aos sujeitos ativos, se trabalhar no período noturno, interferia na qualidade de vida conjugal e familiar. 44%(quarenta e quatro) das entrevistadas responderam que sim, certificando dados como:

- “Abro mão, como mulher, de momentos onde filhos e marido necessitam de atenção especial”. **Professora 6.**
- “Trabalho só uma noite, se trabalhasse todas, acho que já estaríamos separados. Não sobra tempo para compartilhar”. **Professora 13.**
- “O tempo é pouco para ficar com a família e isto acaba prejudicando qualquer relacionamento”. **Professora 7.**

As colocações acima levam-nos a interpretar que o tempo cronológico – carga horária – das atividades profissionais, podem interferir e prejudicar o convívio com o companheiro e/ou interferir na educação dos filhos.

Pelo fato de estar muito tempo fora de casa, abre-se uma lacuna para que outros meios como TV, games, pessoas (amigos que não se conhece), e outros, interfiram na formação gerando aprendizagens distorcidas de alguns princípios e valores distanciando o grupo da essência das relações do convívio familiar.

A **professora 13** (treze) relatou “trabalho somente uma noite na semana, mesmo assim minha família não gosta muito. Acho que se trabalhasse mais, já estaríamos separados”.

Esta fala contextualizou a pressão que ainda pesa na hora da opção do horário de trabalho, ou seja, é comum, devido ao remanejamento de series de curso e de critérios estabelecidos para escolha das turmas, a escola onde a professora for lotada não dispor de muitas opções de horário de trabalho, obrigando a professora a assumir os horários e dias pré-determinados pelas coordenadorias ou diminuir sua carga horária, implicando em fatores econômicos.

Logo em seguida, 33% (trinta e três) das entrevistadas responderam não trabalhar a noite, por isso, não tinham condições para avaliar este aspecto. Por fim, 23% (vinte e três) afirmaram que trabalhavam no período noturno, porém, este aspecto não interferia no convívio familiar.

- “É uma questão de acordo, combino com as pessoas da família e como cada um têm suas atividades, respeitamos o espaço pessoal”. **Professora 4.**
- “Não interfere sendo as coisas bem distribuídas”. **Professora 11.**

Na continuidade da análise, considerou-se como os sujeitos ativos se relacionavam afetivamente com seus cônjuges, familiares, alunos, pais de alunos, corpo administrativo e técnico da escola. 72% (setenta e dois) das participantes do estudo, enfatizaram que se relacionavam muito bem, com compreensão, entendimento e amizade, evidenciando relatos como:

- “Meu marido é compreensivo e me auxilia nas atividades de casa. Somos companheiros. Os alunos dizem: ‘a professora é brava, mas é legal’. Esse brava é por ser exigente, pois gosto muito deles. Com os demais, tenho um bom relacionamento. Respeito para ser respeitada. Procuro fazer um bom trabalho para que não haja maiores problemas e para que eu me sinta bem”. **Professora 5.**

- “Me relaciono com muita conversa e sinceridade, respeitando os limites de todos”. **Professora 10.**
- “Muito bem. Com dialogo, porém fazendo valer meus valores e opiniões”. **Professora 7.**
- “Respeito todos. Trato a todos com o respeito que cada um merece na sua função”. **Professora 4.**
- “Meu marido e filhos são compreensivos. Tenho o maior respeito por todos os meus alunos. Trato-os como meus amigos, e acho que muitos o são”. **Professora 1.**

A interpretação destas interações, permitem reconhecer que para reverter a imagem negativa que a sociedade faz da professora, muitas profissionais empenham todas suas energias estigmatizando a super-mulher, aquela que é capaz de tudo, para o bem de todos esquecendo-se até de si. Gentileza (apud CODO 2000, p.xiii) alerta para a existência de um vício oculto:

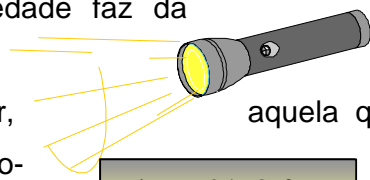


Figura 34. O foco

O vínculo afetivo necessário para que o processo de ensino-aprendizagem se desenvolva, é contínuo e intenso - provoca exaustão emocional. O grau de exigência do próprio professor e da sociedade é elevado [...] Muitos não conseguem agüentar a pressão e se sentem diminuídos.

Entendimento que vem de encontro ao percentual de 28% (vinte e oito) das professoras que declararam estarem suscetíveis a influências, em relatos como:

“Por meu marido não ter iniciativa às vezes me irrita e perco a paciência, trato a todos com respeito e explico bem as coisas para que não surjam dúvidas, tendo em vista que aqueles que convivo no trabalho, não têm culpa do que acontece comigo”. **Professora 13.**

A **professora 17** afirmou:

“Tenho medo de valorizar o que o meu marido faz. Penso que posso ser explorada. Acredito que estou perdendo a importância no meio familiar, parece que todos sobrevivem sem mim. Meus alunos não parecem querer que eu ensine coisas pra eles, parecem que querem compreensão e valorização de minha parte. Em relação a seus pais, não confio, pois nunca sei se são amigos ou inimigos. Na instituição, sinto que sou uma professora que faz parte do quadro de funcionários.

No geral, na escola o melhor que eu tenho a fazer é não reclamar e nem dar problemas. Parece que todos estão em guerra consigo e com os outros”.

Esta contextualização, evidencia verdades do exercício da profissional. Se por um lado, há muitos proveitos, por outro, inúmeros desafios a serem vencidos. O abalo do alicerce emocional e intelectual, frente a evolução da forma de viver e de entender o contexto, o qual está inserida, continua acelerando e modificando sentimentos, conceitos, ações e atitudes da mulher professora no mercado de trabalho do contexto educacional. Percebe-se um jogo de simulação, onde o medo e a insegurança estão presentes alimentando a autodesvalorização.

A partir de uma perspectiva sócio-histórica, de que todo exercício profissional, possui um tempo limitado, questionou-se os sujeitos ativos se já haviam traçado metas para sua vida quando terminassem seu efetivo exercício docente, ou seja, quando se aposentassem. 66% (sessenta) disseram que sim, que já pensaram e que gostariam de viver este tempo como uma nova etapa da vida e já planejam como fica claro nos seguintes relatos:

- “Quero trabalhar como voluntária em um hospital de crianças e me dedicar aos netos”. **Professora 13.**
- “Pretendo trabalhar em outra atividade”. **Professora 8.**
- “Quero ampliar mais a outra atividade que já tenho, loja”. **Professora 4.**
- “Quero atuar junto com meu marido em seus negócios, imobiliária”. **Professora 3.**

Estes conteúdos estabelecem o parâmetro de que para a mulher o trabalho é importante, principalmente, se for fora de casa, desse modo as horas passam ligeiro, elas não se sentem sozinhas e continuarão aproveitando a vida, com o direito de serem felizes, construindo, como pessoa de terceira idade, sua identidade.

Percebe-se que as atividades pretendidas para a aposentadoria, dão seguimento aos papéis aprendidos socialmente e, na maioria das vezes, entendidos como naturais para mulheres. Fixando o entendimento de que o regime de vida empreendido na juventude poderá permanecer na terceira idade.

Em contrapartida, 34% (trinta e quatro) das entrevistadas responderam que ainda não pensaram neste tempo de vida. As professoras 1 e 10 ilustraram afirmando:

- “Não tracei metas porque enquanto eu achar que tenho condições físicas e psicológicas não sonho com aposentadoria. Talvez reduza a carga horária para viajar e curtir o mundo”. **Professora 1.**
- “Não quero pensar nisso”. **Professora 10.**

Estas concepções, envolvem o olhar só hoje e aqui, omitindo a construção de objetos pessoais, constituindo desta forma, o imediato, na complexa rede do planejar de experiências pessoais e profissionais.

### 3.4 O profissionalismo: Inserção no mundo do trabalho

A rearticulação dos papéis sociais abre novos espaços para a mulher no campo profissional e oportuniza discutir com ênfase o papel do professor na sociedade, enquanto agente de transformação e formação. Exercer esta atividade pública, é colocar-se na função que poderá estabelecer e definir relações no processo opção – inserção profissional.

Na continuidade, investigou-se junto as professoras, se no seu entender, existia diferença entre vocação e profissão, no que concerne ao exercício da docência. 83% das professoras, responderam que entendem existir determinantes que permitem balizar este contexto. O aspecto vocação configurou dados como:

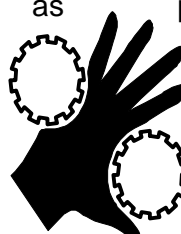


Figura 35. A balização

- “Vocação é a atividade que você tem o dom de exercer e não meramente fazer por fazer”. **Professora 1.**
- “Vocação é predestinação”. **Professora 9.**
- “É gostar e ser bom no que se faz”. **Professora 14.**
- “É uma identificação profissional realizada com amor”. **Professora 7.**
- “E exercer a função pelo gosto, pelo prazer e por amor”. **Professora 15.**

O aspecto profissão configurou dados como:

- “É o exercício da função pela necessidade de trabalhar”. **Professora 15.**
- “Profissão é carreira”. **Professora 12.**
- “Opção, escolha de trabalho para sobreviver”. **Professora 7.**
- “Profissão é a venda do meu trabalho”. **Professora 1.**

Nos caminhos desta análise somam-se conceitos significativos da práxis pedagógica dos sujeitos ativos. Observou-se que por hábito da profissão, onde o conceituar faz parte, as professoras diferenciaram vocação e profissão, porém, estes dispositivos impregnam convergências que ficam evidente nas definições opção e realização profissional. Rubem Alves (1995:, p.51) com propriedade descreve esta trama de sentimentos e ações poeticamente quando diz: “Ah, mundo nascido de atividade docente de um sem-número de pessoas que, sem diplomas ou créditos em didática, ensinam, sem saber como, as coisas mais incríveis, [...] os mistérios de composição e arquitetura do mundo”.

A esta leitura alia-se o percentual de 17% (dezessete) dos entrevistados que em relação a este entendimento afirmaram não poder fazer diferenciações entre vocação e profissão pois acreditam que estão selecionados e é impossível separá-los. Evidenciando dados como:

- “Creio que ambos estão relacionados para que não entre em conflitos e a profissão possa fluir sem frustração. Quem faz o que gosta faz bem feito e sem problemas”. **Professora 6.**
- “A vocação nasce com o ser humano basta lapidá-la com a profissão”. **Professora 16.**

Uma vez fixado o desafio pode-se perceber que profissão está intrinsecamente relacionada na complementaridade da realização profissional. Transparecendo nas atitudes e ações das professoras no ambiente de trabalho.

Dando continuidade ao estudo, ressaltamos que no período tecnicista com o advento da produção em massa, o mercado abriu espaço para a mulher. Questionou-se de que forma as professoras haviam se inserido profissionalmente neste mercado. 67% (sessenta e sete) dos sujeitos ativos relataram ter lutado muito para que isso ocorresse, em depoimentos como:

- “Procurei, lutei e me esforcei muito pelo meu espaço no mercado de trabalho”. **Professora 7.**
- “Lutei contra a educação machista e opressora de meu pai. Batalhei e por meu próprio esforço decidi ir além”. **Professora 15.**
- “Busquei meu espaço de forma gradual e efetiva, creio ter conseguido o reconhecimento”. **Professora 1.**

- “Eu queria ter liberdade e a melhor maneira de conseguir isso foi trabalhando, assim deixei de ser dependente dos meus pais, depois do marido”. Professora 16

Sob o ponto de vista das opções pessoais, que estas falam validam, a que considerar-se nas concepções implícitas nas decisões dos sujeitos ativos quando de sua inserção no mercado de trabalho.

Esta consideração, situa-nos no pressuposto trabalho por trabalho determinante para a sua auto-afirmação social. Silva (1994, p. cxx) retoma e amplia este entendimento quando afirma que:

A experiência afetiva das relações humanas e a experiência cognitiva da descoberta de um sentido do mundo estão vinculadas. Analisando a partir de Hegel, a idéia de que a personalidade do individuo pode ser entendida como um sistema de relações entre o desejo e a razão, ... premissa importante para a incorporação da vertente social. O reconhecimento que promove entre os processos de constituição da identidade e os sociais ... o impulso dos individuos para uma busca permanente de suportes ... dentro de um contexto que os ultrapassa.

Verifica-se a peculiaridade em relação a consciência da compreensão e consolidação dos motivos que impulsionam a inserção profissional destas mulheres num mercado que sublima o trabalho pelo trabalho.

Retornando a origem do questionamento, 33% (trinta e três) das professoras responderam que o seu trajeto de inserção profissional foi estudar, como validam as afirmações abaixo:

- “Cursei o Ensino Médio, Pedagogia e vários cursos de capacitação”. **Professora 7.**
- “Estudei muito para o concurso que era concorrido”. **Professora 12.**
- “Estudei para ingressar no magistério via concurso, consegui. Hoje continuo me aperfeiçoando fazendo especialização”. **Professora 5.**

Na construção destas subjetividades anunciam-se modos originais de pensar, sentir e agir potencializando intenções e ações sociais racionalizadas para o exercício de uma profissão a partir de libertar-se de padrões predeterminados pela sociedade, em consequência de interações primordiais nas relações profissionais.

Com o avanço da investigação buscou-se saber junto as professoras como se insere a profissional da educação frente as transformações ocorridas no mercado globalizado. 66% (sessenta e seis) enfatizaram a necessidade de constante aperfeiçoamento em relatos como:

Figura 36. A representatividade histórica



- “Valorizando-se, aperfeiçoando-se para acompanhar a evolução, a tecnologia, fazendo com que seus alunos aprendam a gostar da escola e valorizá-la cada vez mais”. **Professora 15.**
- “Tem que se motivar para ser atualizar e enfrentar as novas situações que estão ocorrendo”. **Professora 13.**
- “Atualizando-se para conhecer os avanços e ser uma profissional gratificada”. **Professora 6.**
- “É preciso ter uma instrução ampla, visão geral das questões, capacitação constante e diversificada. Não se pode mais estar bitolada, com uma visão direcionada. É preciso ser sensível e estar aberta as inovações para repassar ao aluno informações que o prepare para a globalização”. **Professora 5.**

Estas referências incorporam a dimensão de que o professor que se atualiza poderá interagir como agente social consciente interferindo nos rumos de um país que esta discutindo uma forma de educação que leve o estudante a pensar e não apenas a decorar conteúdos.

Neste enfoque é indicativo referenciar Assmann (apud SILVA 2001, p.77) que em seus escritos enfatiza: “Educar não é apenas ensinar, mas criar situações de aprendizagem nas quais todos os aprendentes possam despertar, mediante sua própria experiência do conhecimento, para a sua dignidade de sujeitos do seu futuro”.

Esta dimensão evidencia a importância da legitimação e da inovação mediando o processo formação educação.

Na seqüência 34% (trinta e quatro) das professoras validaram o entendimento que frente as transformações profissionais estão desatualizadas, configurando falas como:

- “Estamos desatualizadas, precisamos ter mais acesso as informações, porem, nosso tempo é pouco e o cansaço é muito”. **Professora 17.**
- “A inserção é precária, pois falta remuneração adequada para aquisição de equipamentos que propiciassem acesso a melhor visão do mundo”. **Professora 1.**
- “Não acompanharam. Estamos atrasadas 100 anos”. **Professora 4.**

A partir da identificação destes desejos permanece a fonte de alerta para que esta necessidade seja suprida ampliando as perspectivas disponíveis para a ação e aquisição de conhecimentos no mercado globalizado. Ruben Alves (1999, p.cxlvii) pontua esta busca afirmando com sabedoria:

Figura 37. Em busca da superação

Temos de inventar o que está faltando. Há em nossos corpos, um espaço vazio que nos desafia a criar. É o que se chama liberdade. A ciência, a poesia, a arquitetura, a música, a culinária, as religiões, a jardinagem [...] tudo isso sem invenções humanas para completar aquilo que falta em nosso DNA. É assim que fazemos nosso software nossa alma.

Este enfoque, valida possibilidades de mudanças necessárias na sustentação teórica-formativa da prática das profissionais professoras no contexto cultural e estrutural da profissão.

Na continuidade o histórico da presença da mulher no ranking das lideranças mundiais no mercado de trabalho, assume diferenciadas faces e importâncias, ao exercício da profissão. Frente a este direcionamento, perguntou-se as professoras que leitura elas faziam mediante este quadro social. 100% das professoras constituíram o contexto investigado e evidenciando e assumindo-se como participantes deste Cenário Social, refletido em relatos vivos indicados por falas como:

- “Acho que este resultado é bom, o resultado de anos de luta pelo espaço agora aberto as mulheres. As mulheres estão mostrando cada vez mais capacidade de liderança e administração, isto é muito bom. O mundo será administrado com mais honestidade e afetividade”. **Professora 1.**
- “As mulheres estão assumindo o seu posto perante a sociedade, por sua capacidade”. **Professora 8.**
- “Somos ágeis e rápidas nas soluções, criativas. As mulheres vão conquistar mais ainda seu espaço”. **Professora 4.**
- “A mulher tem se dedicado muito, quebrado tabus e preconceitos encontrados na sociedade, para isso, estão lendo mais, buscando leis e inovando idéias ultrapassadas sobre o sexo feminino”. **Professora 6.**
- “Somos capacitadas, inteligentes, pontuais, meigas, sinceras e intuitivas, merecemos estar onde estamos”. **Professora 13.**
- “A mulher ultrapassou os seus limites, não parou no tempo, foi em busca de seus ideais. Mulheres como eu que não medem esforços para traçar e alcançar seus objetivos”. **Professora 15.**
- “A mulher já há muito tempo deixou para trás aquele papel de mulher submissa, foi a luta para conquistar seu espaço na sociedade, e a prova está aí, são cada vez mais capacitadas para atuarem nas mais diversas áreas”. **Professora 3.**

- “Isto prova que a mulher tem as mesmas capacidades do homem, com a vantagem de ser, por natureza, sensível e ponderada”. **Professora 7.**

Tendo o conhecimento que a inserção feminina no mercado do trabalho efetiva a superação dos mercados, o conteúdo destes relatos evidencia dados que compõem e auto-afirmam a inserção e qualificação da profissional.

Porém, salienta-se que a postura desta profissional é de superar as deficiências pessoais vencendo os preconceitos sociais, conseqüentemente a busca incessante do aperfeiçoamento e do evoluir, atendendo as novas exigências, tanto nas relações intra quanto interpessoais, assim, gerindo habilidade e competências.

Em decorrência das exigências de qualificação, dedicação e compromisso efetivo, constantes que compõem o cenário profissional do exercício da docência, buscou-se saber das professoras, de que tempo elas dispunham para o lazer. Compreendendo lazer como uma das necessidades básicas de melhoria do trabalho e de qualidade de vida. 98% (noventa e oito) das professoras investigadas, destacaram que dispõe de muito pouco tempo para gerenciar o aspecto lazer em suas vidas.

- “Sobra muito pouco tempo ou quase nada, principalmente estando relacionado ao dinheiro pois é pouco e o trabalho do docente sempre se estende além da escola”. **Professora 18.**
- “Nenhum, pois lazer é para que possui renda financeira boa, o que não é o nosso caso”. **Professora 17.**
- “Não disponho de tempo suficiente para uma boa qualidade de vida, pois todo o meu tempo volta-se para a profissão”. **Professora 6.**
- “Poucas horas, só nos finais de semana e geralmente só no domingo”. **Professora 11.**
- “O tempo é curto, tão curto que muitas vezes tenho vontade de fugir de tudo, geralmente o tempo que tiro nos finais de semana para o lazer faz parte do preparo da prática pedagógica”. **Professora 5.**

Neste cenário, ficam evidentes relações entre o desejo de ter um tempo para o descanso e a possibilidade de obter esse tempo resultando em frustração por não consegui-lo. Pode-se observar o desenvolvimento de atitudes movidas pelo cansaço e fadiga formalizando o desânimo, a desmotivação, a irritabilidade.

“Não consigo, fica difícil, não posso!” Nesta direção, vale privilegiar as considerações de Silva (1994, p.ccciii) que enfatiza:

“Determinações concretas que derivam de estrutura temporal do trabalho, evidenciam que quanto maior a jornada, menor será o tempo para o convívio familiar e quanto maior com cansaço, mais será afetada a qualidade dos relacionamentos [...], a irritabilidade e o desânimo prejudicam os contatos interpessoais alterando o convívio”.

Estes argumentos permitem identificar grande perda das relações afetivas no convívio familiar e social.

Na continuidade, a Professora 1 configurou o diferencial quando proferiu: “Pra mim, a profissão já é um lazer pelas relações que consigo ter através dela. Aumento o meu círculo de amigos. Tomo estes fatos como lazer”.

Foi um momento significativo pois acentua o fato de que é possível rasgar, por assim dizer, a teoria de que trabalho poderá resultar em insatisfação, desgaste físico e mental. Codo e Menezes (2000, p.xlviii) ilustram esta informação afirmando que:

O trabalho de professor se desenvolve em meio a um campo tensional denso entre afeto e razão. Bem resolvido, é uma grande fonte de prazer no trabalho; mal resolvido exaure emocionalmente o professor, ele se defende através da construção de uma perda do envolvimento pessoal no trabalho ou através da tentativa de transformar cada aluno em um número a mais.

Na seqüência do estudo, concedeu-se atenção ao processo das opções profissionais. Buscou-se investigar se as diferentes opções entre o casal resultavam positiva ou negativamente na qualidade de vida profissional da mulher. 61% (sessenta e um) das professoras responderam que acreditam não interferir porém salientaram critérios essenciais a respeito, instrução e diálogo, em falas como:

- “De forma positiva quando há troca de experiências, onde cada um ao chegar do trabalho coloca o que aconteceu, ocorrendo diálogo sadio”. **Professora 13.**
- “Se o casal é bem resolvido, tem um bom relacionamento, interesses comuns e respeito um pelo outro, não há problemas quanto a profissão que a mulher executa. A mulher tem que se fazer respeitar, independente do seu trabalho”. **Professora 5.**
- “Sempre positivamente, no meu ponto de vista, as diferenças dinamizam o diálogo e oportunizam a mulher uma qualidade de vida bastante boa”. **Professora 1.**

- “Desde que o casal seja massífico e saiba conciliar suas atividades e obrigações como casal não creio que seja um problema”. **Professora 6.**

Ainda neste enfoque, Codo e Menezes (2000, p.7) esclarecem que: “Compreender um ser humano implica em parte ir do pressuposto de que ser humano implica em parte cada palavra está imediatamente inserido num contexto muito maior que transcende a ele e a sua existência”.

As falas de 39% (trinta e nove) dos sujeitos ativos constituíram o percentual de professoras que afirmaram não poder depor sobre este aspecto pois suas experiências afetivas, no momento, não eram intensas a ponto de fornecerem subsídios para esta análise.

Atenta a questão social de que toda ação humana é potencialmente geradora de significativos veiculou-se o aspecto inserção social.

### 3.5 Do social: influências e interferências

Diante deste cenário expõe-se as articulações que reúnem os processos sociais e os segmentos resultantes da veracidade dos dados analisados. Com o olhar centrado no fato histórico de que os sistemas políticos e religiosos inferiram diretamente na independência profissional da mulher investigou-se junto as professoras qual era a sua posição referente as interferências e pressões que a



Figura 38. As interferências formuladas

igreja Católica que o sistema político ocasionaram no desempenho docente. 68% (sessenta e oito) perfizeram o percentual de professoras que afirmaram serem grandes as barreiras considerando que:

- “A repreensão que a mulher sofreu e que em alguns lugares do país ainda sofrem, não foram e nem são suficientes para fazer calá-la. Aos pouco ela vai se libertando e aprendendo a usar a sua própria arma que é o seu trabalho”.

**Professora 5.**

- “Foram barreiras sérias, porém transpostas com muita luta e perseverança”.

**Professora 1.**

- “A mulher sempre foi submissa ao homem, sempre foi dona de casa, ‘aquela que trabalha’ acho que a Igreja e o Sistema político fez muito pouco pela mulher (duvidam da capacidade, pagam menos). Só com o tempo haverá maiores mudanças”. **Professora 4.**
- “Tentando sobreviver a mulher busca aperfeiçoamento profissional para continuar mantendo o seu espaço, pois é polivalente”. **Professora 18.**

Os fatos expressos provocam o entendimento de que há o espaço para reconstrução das funções e dos processos sociais assumidos pelas mulheres, no tardio, porém, progressivo processo de valorização e inserção profissional. Melo (apud Marks 2000, p. lvi) em seus escritos sobre o papel da mulher na sociedade preconizam que:

“As qualidades femininas estão sendo valorizadas no mercado de trabalho e há uma tendência de as profissões de mulheres alcançarem mais prestígio e melhor remuneração. [...] desencadeou-se uma luta em favor da educação elemento essencial para competir na economia globalizada. Quando se fala da importância da educação, automaticamente [...] está se falando de uma professora”.

Num segundo momento, 32% (trinta e dois) das professoras manifestaram não terem posições claras sobre o assunto:

- “Pouco posso falar a respeito, desconheço a causa”. **Professora 13.**
- “Não gostaria de falar sobre isso”. **Professora 11.**
- “Nada sei a respeito”. **Professora 12.**

É possível considerar nestes depoimentos a presença de um desconhecimento político, que parece indicar construções ideológicas isentas de idéias políticas, contrariando, de maneira clara, a consciência social.

Em contrapartida, vale ressaltar a fala da **professora 3** que fez uma análise representativa do momento histórico em que vivemos. “O sistema político nos últimos tempos tem apoiado a independência profissional da mulher, visto que algum tempo atrás a mulher sequer tinha o direito ao voto, hoje há um grande numero de mulheres atuando na política. Quanto à Igreja acredito que não está tão a favor da total liberdade da mulher, porém penso que caminha para um equilíbrio, nem tanto liberal, nem tanto submissa, mas sim colaboradora consciente, eficaz e feliz”.



Figura 39.  
Expressão  
significativa

A preocupação com a educação reveste-se de interesses que visam gerenciar e manter as transformações mundiais. Neste sentido, cabe

ressaltar a discussão do perfil do educador que articulará o processo de preparo para as novas necessidades de trabalho. Nesta perspectiva, investigou-se junto aos sujeitos ativos, que aspectos poderiam transformar a qualificação da mulher inserida na educação. 98% (noventa e oito) das professoras elencaram aspectos assim configurados:

- “A vontade e o interesse em sair da mesmice e criar aulas inovadoras, agiu em parceria com colegas para trabalhar da forma interdisciplinar, compartilhar com os outros novas experiências e estar sempre aberta à críticas construtivas”. **Professora 3.**
- “A disposição para querer se transformar e qualificar-se. Quando se quer arranja-se tempo. A qualificação depende muito da vontade de quem precisa e também de quem oferece”. **Professora 1.**
- “Estudar, estudar, estudar... participar, discutir, entrosar-se, fazer cursos para ter outras visões, pois há muitos horizontes a buscar, a conquistar”. **Professora 4.**

Nas análises realizadas quantos aos aspectos que marcam a participação ativa da mulher na educação do novo milênio, Abicalil (1997, p.xxxviii) salienta que:

Se trabalharmos a perspectiva de um projeto político transformador da sociedade, cabe-nos discutir o desempenho da mulher educadora presente na escola, com relativa autonomia na sala, para que, saindo das condições de reprodutora da dominação venha se construir no elemento de emancipação das classes trabalhadoras e de sua própria libertação.

Nesta direção, é preciso considerar o princípio da vontade do querer permanecer na dialética coerente entre discurso e prática. As ações necessitam refletir as transformações contextualizadas, visando o crescimento e a integração social determinantes para a qualidade da inserção profissional da mulher educadora.

O relato da **professora 5** agregou novo significado ao entendimento qualificação profissional, na educação, quando relatou: “Precisamos nos conscientizar que nós educadoras somos uma profissional como outra qualquer, que precisa estar atualizada, lutar por seus direitos, reivindicando por melhores condições de trabalho. Outro aspecto é a necessidade de firmar-se no mercado, já que muitas vezes a mulher passa a ser a única fonte de renda na família. Há também a concorrência e é preciso qualificar-se”.

Atenta ao aspecto utilização de tecnologias, questionou-se ao sujeitos ativos, como utilizavam as tecnologias em sua prática pedagógica. 88% (oitenta e oito) construíram o percentual de professoras que afirmaram que esta prática faz parte de um processo em formação, pois, este uso ainda é limitado e contraditório. Esta abordagem configurou relatos como:

- “Uso como recurso didático como dinâmica para minhas aulas e subsidio para os alunos”. **Professora 1.**
- “Acredito que independente de ser homem ou mulher, tudo é questão de se estar ou não apto para trabalhar com as novidades tecnológicas. Lentamente entre entraves e avanços, vamos utilizando a tecnologia em nossa prática pedagógica”. **Professora 5.**
- “A mulher utiliza a tecnologia tanto quanto o homem”. **Professora 15.**
- “Atualizando-se e tentando o máximo para se atualizar e trabalhar o novo”. **Professora 10.**
- “A rede estadual não possibilita esse avanço, a maioria dos recursos tecnológicos são inexistentes na escola”. **Professora 18.**
- “Utilizando teoria e pratica nas técnicas pedagógicas”. **Professora 7.**
- “Quando tem acesso usam, o problema está no acesso a esses avanços e tempo para capacitar-se nossas técnicas”. **Professora 6.**
- “Ela, a tecnologia, enriquece o pedagógico e melhora o ensino-aprendizagem”. **Professora 2.**
- “Uso dentro de que a escola disponibiliza”. **Professora 11.**

O uso da tecnologia na educação mescla-se de fatores contraditórios, por um lado, a perspectiva do desenvolvimento, do avanço impondo a atualização e projeção, por outro, tensões e entraves históricos formalizados pela não disponibilidade de ferramentas pessoais e administrativas que possam facilitar a ação efetiva, inovadora do processo simultâneo conhecer-fazer.

Ainda nesta direção, 12% (doze) das professoras, deixaram transparecer em seus relatos, as limitações pessoais que podem resultar no cerceamento da utilização da tecnologia quando afirmaram:

- “Quando tem não usam. Não usam porque não sabem, muitas professoras custam a mudar sua prática pedagógica. A maioria dos professores não muda (cuspe o giz). Na nossa escola temos pouco, porem nem o pouco é usado. O professor só usa o livro que é sua bengala”. **Professora 4.**



- “Acredito que de forma ainda não plena, talvez por falta de interesse (por parte de algumas), falta de preparo e talvez até um pouco de medo”. **Professora 3.** Perez (2001, p. ix) aborda a dimensão humana profissional enfatizando que:

A educação deve ser mais participativa, criativa [...] propõe-se uma nova sociabilidade, que deve ser construída a partir de novas formas de relações sociais [...] mais inclusivas que facilitem o desenvolvimento de cada pensar, que é a condição de desenvolvimento do todo.

Na continuidade, considerou-se a importância do ser mulher. Para tanto, buscou-se investigar como a mulher está desempenhando seu papel neste milênio diante das demandas sociais que quantificou o viver profissional. 83% (oitenta e

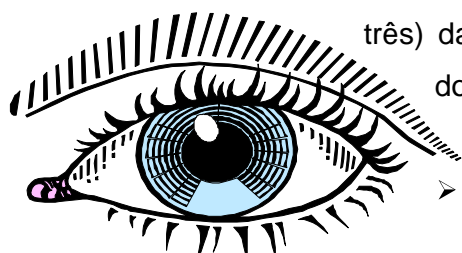


Figura 40. Visão determinante

três) das professoras determinaram o item conquista do seu espaço no mercado de trabalho, configurado em relatos como:

- “A mulher vem buscando se capacitar, ocupar um lugar mais favorável, e até de destaque na sociedade. Muitas mulheres já se

conscientizaram do seu potencial, e lutam para demonstra-la, porém ainda resta muita luta e conscientização, pois não é o homem que tem que dar valor e espaço para mulher, e sim esta que tem buscar e ocupar seu próprio espaço”. **Professora 5.**

- “A mulher quer cada vez mais conhecer o novo, é menos acomodada que o homem no que se refere a busca de conhecimentos. Ela sempre dispõe de um tempo para suas leituras, conversas, enfim para atualizar-se e aperfeiçoar-se”. **Professora 15.**

- “Ocupa um amplo espaço o que está deixando os homens um pouco preocupados por causa da própria acomodação. A mulher está sempre a procura da inovação”. **Professora 13.**

O desenvolvimento social estipula esperanças de superações pessoais e instaura, definitivamente o processo de esforços que consolidam, concretizam e traduzem avanços no que diz respeito a produção de ações, tanto pessoais como sociais, confrontados pelas possibilidades de desenvolvimento do país.

Ainda neste contexto, 17% (dezessete) dos sujeitos ativos certificaram em suas falas o acúmulo de tarefas.

- “Tentando sobreviver, buscando aperfeiçoamento profissional para continuar mantendo o seu espaço. A mulher é polivalente”. **Professora 18.**

- “Eu acho que de repente nós estamos acumulando responsabilidades demais e quando percebemos, já estamos tão envolvidas com tantas coisas que acabamos negligenciando alguma delas, seja família ou trabalho e ainda ficamos estressadas”. **Professora 3.**

Sob este enfoque pode-se dizer que a participação da mulher no mercado de trabalho hoje está marcada por mudanças e conquistas conflitantes. Por um lado evolução e valorização profissional, por outro, perdas afetivas e sociais.

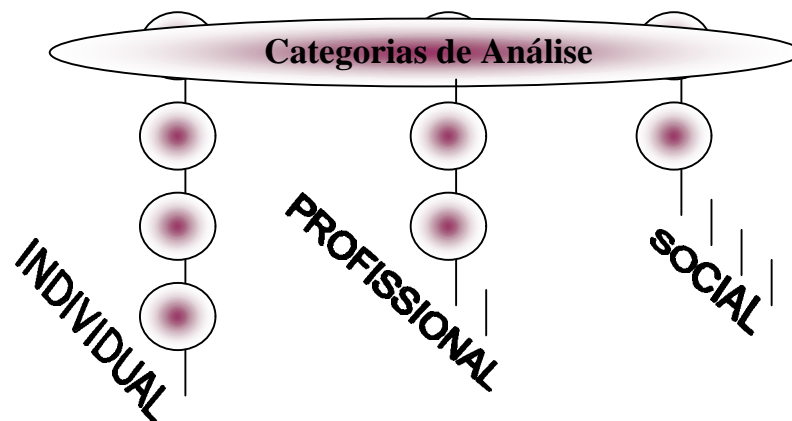


Figura 41. O percorrer estrutural

## CAPÍTULO 4

### 4 O DESPEDIR-SE DE UM TEMPO DE INTERAÇÃO COM A PRÁTICA PROFISSIONAL DE MULHERES PROFESSORAS

#### 4.1 Conclusões e recomendações para futuros trabalhos

Na trajetória da pesquisa, as informações levantadas definiram as circunstâncias da opção e inserção profissional da mulher no magistério. De todo o estudo realizado, deduz-se que a inserção profissional da mulher na educação formal, supera limites pessoais, aponta crescimentos e ilustra um potencial em evolução: a inserção feminina no mercado de trabalho.

Assim, incontestavelmente, a mulher institui-se como sujeito ativo do movimento transformador que define o espaço social de sua prática, gerando relações que se estabelecem na estruturação necessária para o exercício da profissão, seja pelo desempenho das funções, seja pela oportunidade de rediscutir a permanência e influência da mulher no magistério.

A força viva desta função e influência alicerça-se no processo oriundo de princípios culturais como: formação religiosa, ética e profissional.

Os dados permitiram formalizar uma caracterização das variáveis que interferem no exercício da profissão, determinantes a qualidade de vida. A partir deste conhecimento, foi possível investigar e diagnosticar algumas questões que, urgentemente, precisam ser repensadas e modificadas, buscando espaços para discussões e definições nas transformações pessoais, sociais e profissionais.

Compreende-se que atuar profissionalmente no magistério é uma ferramenta a disposição da sociedade que poderá adquirir proporções tanto positivas – equilíbrio emocional, otimismo, realização pessoal; quanto negativas – desgosto, depressão, insatisfação, estresse – oportunizando a ‘mulher professora’ possibilidades de sinalizar e efetivar relações que contribuirão na construção ideológica frente à necessidade de reavaliar-se e refazer-se na prática pedagógica como articuladora do exercício profissional que poderá resultar em contribuição

Figura 42. O reconhecimento do processo

significativa na mediação do processo educacional, visando sua qualidade de vida. Menestrina, (1996, p.xiii) contudo, neste contexto, considera que:

A auto-realização engloba satisfações biológicas, aprendizagem de potencialidades para sobreviver física e socialmente, desenvolvimento da autonomia, independência e profundo sentimento de auto-determinação. Esse é o objetivo único para o qual o homem está direcionado.

Diante deste contexto, é premente considerar um entendimento com dupla direção: por um lado, a professora realiza-se e evolui profissionalmente, por outro, encontra-se impedida de usufruir esta ascensão porque o que antes era só conquista profissional, hoje, é acúmulo de tarefas e obrigações. Assim, continuar trabalhando é necessidade pessoal-social pois, a maioria delas, assume sozinha o orçamento da casa ou contribuem em grande parte nas despesas econômicas da família.

Nesta verificação, confirma-se a concepção de que trabalhar por opção pessoal é satisfatória, porém quando a necessidade financeira é evidente e move o exercício da profissão, fica difícil obter prazer como retorno porque, os gostos pessoais '**as vaidades femininas**' como ir ao cabeleireiro, comprar pequenos '**mimos**', praticar algum tipo de esporte, enfim, dedicar algum tempo para si mesma, ficam relegados para segundo plano ou até mesmo esquecidos. Em acréscimo a esta variável, vem o fato de que o salário é baixo, o que obriga a professora a assumir uma carga extensa, levando-a ficar muitas horas fora de casa, muitas vezes conseguindo para os filhos dos outros o que não consegue dar para os seus: carinho, atenção, acompanhando-o e incentivando-o na preparação-formação de seu futuro.

Soma-se a esta complexidade, o fato de que a professora que exerce seu trabalho na escola pública, no momento, precisa valer-se de suas próprias forças para exercer a profissão, porque a escola, como corpo administrativo resultante de políticas educacionais, nem sempre consegue gerenciar ações para o bem estar físico e psicológico desta profissional, sendo seu suporte pessoal-pedagógico. É urgente, uma mudança de pensamentos, decisões e ações no sentido de se elaborar projetos que na prática movam a administração da escola voltada para o bem estar psicológico e físico do professor, considerando suas particularidades para que o ambiente escolar transforme-se em espaço de respeito e conforto, lugar onde o ser ama e é amado, um lugar desejado que cause saudade, vontade de retornar diariamente com prazer que impulse a professora a ter energias

para buscar soluções criativas desenvolvendo sua prática pedagógica, com satisfação, invertendo o quadro 'trabalho pelo dinheiro' por 'trabalho, prazer e dinheiro'.

Outro aspecto que chamou bastante a atenção foi o de que a mulher – mãe – educadora vista ainda hoje como 'alicerce do lar', não consegue estar presente e interferir ativamente na formação dos filhos mediando o equilíbrio dos relacionamentos afetivos em família, resultando numa formação limitada, porém, exigindo dos filhos equilíbrio. Sayão (2002, p.7) formaliza este momento afirmando que: “[...] hoje, por conta de diversos fatores, muitos pais agem de modo confuso, mas sempre em nome da educação para a autonomia. [...] que é apenas uma parte do processo educativo”. Conscientes destes fatos a mãe-professora, busca alternativas, soluções, para o problema, porém, nem sempre são encontradas, criando um sentimento de culpa por ter ‘falhado’ com as obrigações de mãe, produzindo assim, mais uma variável de estresse.

Assim, investigar a inserção profissional da mulher no magistério nos permitiu verificar que devido as situações estressantes da vida agitada, os problemas sócio-econômicos, as incertezas, as não realizações afetivas, as políticas educacionais não gerenciadas adequadamente, fazem com que a professora torne-se vítima do processo. A mulher professora, na sua maioria, não têm mais grandes expectativas em relação a sua profissão ‘está empurrando com a barriga’, está cansada e doente. Inconscientemente está **perdendo o seu espaço na sociedade**, não têm mais status e não consegue reagir para inovar e, desta forma, melhorar sua permanência e continuidade de atuação no magistério.

Percebe-se, que o acrisolamento da qualidade de vida da mulher professora mescla-se de influências geradas no ambiente de trabalho da escola, podendo resultar em relação de sofrimento e/ou de prazer perpassadas pelo convívio social de pais, alunos, professores e gestores que administram diariamente a adequação das

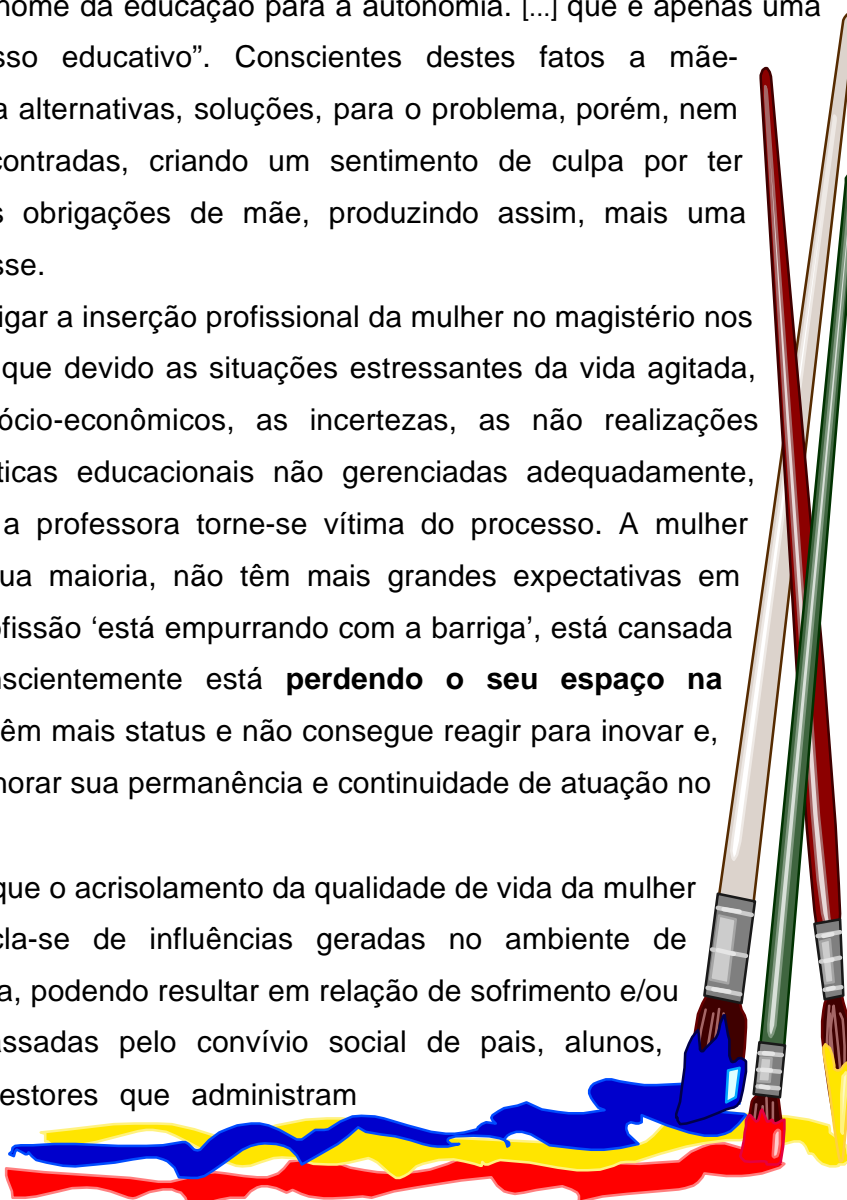


Figura 44. Realidade permeável

condições de facilidades/dificuldades de trabalho.

Com relação ao seu desempenho profissional, crê-se que há necessidade urgente de qualificação. A mulher professora da escola pública, não poderá continuar apenas como uma figura mantida pelo sistema, precisa, capacitar-se e conscientizar-se que hoje só como repassadora de conteúdos, ela tornar-se-á desnecessária, correndo o risco de perder sua identidade profissional ou ser substituída pelas novas exigências do mercado de trabalho, podendo desencadear um processo de sofrimento. Menestrina (1996, p.68) com propriedade ressaltam que:

O professor necessita desenvolver sempre mais os seus conhecimentos, atingindo várias áreas para o seu próprio crescimento psicológico e profissional. A procura da verdade, a busca de uma metodologia melhor para os alunos e o uso efetivo dos conhecimentos, das tecnologias, interfere na realização do professor. É um processo que se constrói durante toda vida. [...] é o que o potencializa para conhecer o mundo e confrontar-se com as demais circunstâncias.

Portanto, as mudanças serão bem vindas para aprimoramento de novas técnicas, conceitos e metodologias, possibilitando à profissional acompanhar as informações, não ficando a margem da evolução.

Tais concepções, aproximam a mulher professora de formas diferenciadas e determinantes para sua qualidade de vida, instituindo o processo facilitador das relações sociais, o qual vale-se de constantes elaborações e reelaborações originando novos sentidos para a vida e para o exercício da profissão. Assim sendo, é necessário parar para rever a prática e, iniciar o processo de transformação inter e intrapessoal. A partir do momento que a professora souber autoavaliar-se e caminhar na busca de soluções, compartilhar suas dúvidas, insatisfações/realizações, projetar novas perspectivas de vida, com certeza, irá praticar atitudes e ações que a realize como mulher e profissional, ampliado seu espaço, sabendo priorizar as vivências essenciais para sua qualidade de vida.

Ressalta-se que, a auto-avaliação por si só não conjuga fidedignidade, necessitando de um processo avaliativo de conjunto, para, a partir dos resultados obtidos, encontrar soluções aos problemas advindos das relações pessoais, sociais, e profissionais.

Deste modo, é necessário que a profissional professora adapte-se aos novos tempos que a sociedade encontra-se inserida, e para isto se faz necessário, repensar constantemente o caminhar pessoal e profissional.

Pela autonomia profissional e pessoal que constatamos na pesquisa, a mulher professora adapta-se as demandas de mercado, embora com pequenos salários, consegue sua independência econômica, e assim, decide o rumo que dará a estes recursos e que grande parte já encontra-se comprometido com despesa fixas, ela, consegue administrar suas necessidades e participa da oferta de um mercado que considera o poder de aquisição das mulheres e flexibiliza produtos e serviços elaborados desenvolvidos com especificidade ao feminino.

Destaca-se também que, embora estar inserida no processo educacional neste milênio signifique vivenciar a diversidade cultural de fenômenos que transcendem gostos e opções pessoais, a professora consegue consolidar uma carreira polêmica desenvolvendo suas atividades e sua prática de forma permanente e produtiva, acreditando e mantendo a esperança de obter sucesso social com prestígio e reconhecimento profissional, alimentando o senso de competência e participação no desenvolvimento do processo de decisão, promoção e aplicação do conhecimento sistematizado.

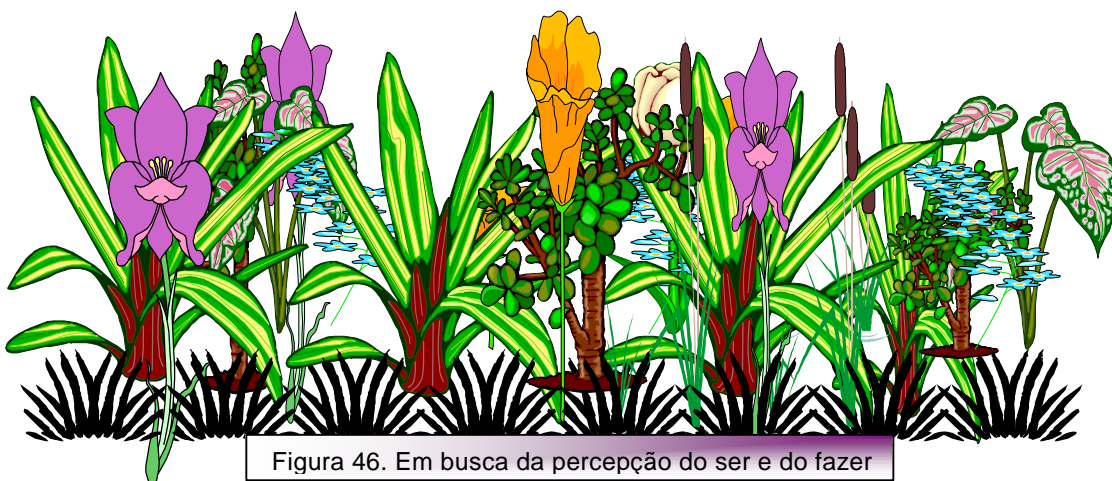
Acredita-se que, com as transformações do mundo atual, com os avanços tecnológicos e pelos impulsos proporcionados, especialmente, pela era do conhecimento, o exercício da profissão da mulher-professora permanecerá e continuará em constante reformulação, pois, têm-se como um dos objetivos principais, neste exercício, o produto do seu trabalho, a formação de cidadãos que conseqüentemente buscará o fortalecimento de sua profissão através de sua realização pessoal, enfrentando e superando obstáculos e desafios que o contexto social lhe apresentar, construindo sua própria vida enquanto mulher.

Enfim, é necessário que a mulher professora compreenda, tomando ciência e consciência que ela é a principal responsável pelo eixo alimentador de reopções pessoais e sociais, que diariamente estabilizam e movem sua opção profissional.

Sendo assim, o 'final' deste estudo, suscita vigor para superação permanente de dificuldades e desafios inerentes a carreira, abrindo caminhos para a elaboração de novas perspectivas, possibilidades e tendências para o ser e o fazer da mulher professora, articulando teorias e práticas, ajuizando ações e posicionamentos que constata e determinam a facilidade de superação de crises e instaurar maneiras adequadas que substanciam e fortalecem a qualidade de vida. Entretanto, estes desafios sustentáveis do ser feliz, merecem a percepção

e interpretação para serem interiorizados e vivenciados numa dialética crítica, corajosa, concreta, efetiva.

**“Todo jardim começa como um sonho de amor. Antes que qualquer árvore seja plantada ou qualquer lago seja construído, é preciso que as árvores e os lagos tenham nascido dentro da alma. Quem não tem um jardim por dentro não planta jardins por fora. E nem passeia por eles”. Rubem Alves.**





## REFERÊNCIAS

- ABICALIL, C.A. Revista do **XXV Congresso Nacional Dos Trabalhadores Em Educação**: Educação no centro das atenções: em defesa da escola pública. Porto Alegre: CNTE, p. 20-38, 1995.
- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 10., São Paulo: Cortez, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Entre a ciência e a sapiência**: O dilema da educação. São Paulo: Loyola, 1999.
- ARAÚJO, T. **Revista Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino**. Bahia, Grifo comunicação, p. 7-12, 1998.
- BAZZO, A W. **Ciência tecnologia e sociedade** – e o contexto da educação tecnológica. Florianópolis: UFSC, 1998.
- BRASIL, Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**. 5., São Paulo: TR, 2000 266p. Atualizada até 31. 12. 1999.
- BRASIL, Lei Nº 9.394, 20 dez. 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.
- BUARQUE, C. **Qualidade de vida**: a modernização da utopia. Revista Lua Nova, São Paulo, n31, p. 157-165, 1993.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1992.
- CODO & MENEZES, Revista saúde do Trabalhador. **Burnout**: Sofrimento psíquico dos trabalhadores em educação. Brasília, INST, p. 26-51, outubro de 2000.
- D'AMBRÓSIO, U. **Educação para uma sociedade em transição**. São Paulo: Papyrus, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Etnomatemática**. 2., São Paulo: Ática, 1993.
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 4., São Paulo: Cortez, 2000.
- DUARTE JR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 5., São Paulo: Papyrus, 1998.
- DEMO, P. Revista Escola agosto 2001 p. 49-51.
- FERNANDES, E. **Qualidade de vida no trabalho**. Como Medir para Melhorar.. Salvador: Casa da Qualidade, 1996.

- FERNÁNDEZ, A. **A mulher escondida na professora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FIALHO, F.A.P. **A eterna busca de Deus**. Brasília: EDICEL, 1993
- \_\_\_\_\_. **Introdução ao estudo da consciência**. Curitiba: Genisis, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Ciências da cognição**. Florianópolis: Insular, 2001.
- GRAY, J. **Homens são de martes**. Mulher são de Vênus. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- GROSSI, E. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9.394, de Dezembro de 1998. Rio de Janeiro: Pargos, 1997.
- KINCHELOE, J. L. **A formação do professor como compromisso político**. mapeando o pós-moderno. Porto Alegre: ArTmed, 1997.
- LAKATOS, E.M. & MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4., São Paulo: Atlas, 1995.
- LITWIN, E. **Tecnologia educacional**. Política, Histórias e Propostas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LUDKE M. & ANDRÉ. M. E.D. A. **Pesquisa em educação**: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPV, 1986.
- LONDON, Jack & GEHRINGER, Max. **A sociedade da informação**. Revista Exame. Agosto, 2001: 61.
- MACLAREN, P. **A vida nas escolas**. Uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. 2., Porto Alegre: Artmed, 1999.
- MARQUES, M. O. **A formação do profissional da educação**. Ijuí: Unijuí, 1992.
- MENESTRINA, T. C. & MENESTRINA, E. **Auto-realização e qualidade docente**. Porto Alegre: Edições EST, 1996.
- MINAYO, M. A. C. de S. **Pesquisa social**. Teoria, Método e criatividade. 12., Petrópolis: Vozes, 1999.
- MONLEVAD, J. Revista da Educação da CNTE: **Educação: a qualidade que o Brasil precisa**. Brasília, A III, 1ª ., nº 3, p. 21-42, 1996.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.
- NAISBITT, J. **Megatendências Ásia**: Oito megatendências asiáticas que estão transformando o mundo. Rio de Janeiro: Campos, 1996.
- PATRÍCIO, Z. M. A. et. all. **Aplicação dos métodos qualitativos na produção de conhecimento**: uma realidade particular e desafios coletivos para compreensão

- do ser humano do ser humano nas organizações. Trabalho apresentado no 23º Encontro do ENANPAD. Foz do Iguaçu - Pr. de 19 - 22/09/1999.
- PÉREZ, E. **Revista educação** Ano 27, número 238, fevereiro 2001.
- PERRENOUD, Ph. **La construcción Del êxito y Del fracaso escolar**. Madrid: Paideia-Morata, 1990.
- PILETTI, N. **Psicologia educacional**. 15., Ática. São Paulo: 1997.
- PILETTI, C. Didática geral. 23., São Paulo: Ática, 2001
- PIMENTEL, N.M. (org) **Gestão Escolar: Programa de qualificação de educadores**. Florianópolis, LED/UFSC, 2000.
- PINKER, S. (MOTTA, L.T: Tradução) **Como a mente funciona**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- RENAUX, M. L. **O outro lado da história: O papel da Mulher no Vale do Itajaí**. Blumenau: FURB, 1995.
- ROMEIRO, A. **“Um olhar sobre a escola”** Série de Estudos Educação a Distância, Brasília: MEC, 2000.
- SANCHO, J. M. **Para uma tecnologia educacional**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamentals e Médio: Temas Multidisciplinares**. Florianópolis: COGEN, 1998.
- SANTOS, N. **Gestão estratégica do conhecimento**. Florianópolis: UFSC, 2000
- SERBINO, R. V. Et alii. **Formação de professores**. São Paulo: UNESP, 1998.
- SILVA, V. L. de. **S. Estudo do vivo: saber, ser e viver na sala de aula**. 2., Blumenau: Nova Letra, 2000.
- SOUZA, P.L.P.de. **Esdi biografia de uma idéia**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1996.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 8., São Paulo: Cortez, 1998.
- TRIVIÑOS, A,N.S. **Introdução a pesquisa científica social**. A pesquisa qualitativa em educação. O positivismo. A fenomenologia. o Marxismo. São Paulo: Atlas, 1987.
- VASCONCELLOS. C. dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Libertad, 1999.
- VIEIRA, A. **A qualidade de vida no trabalho e o controle da qualidade total**. Florianópolis: Insular, 1996.
- VEIGA,E. **Enciclopédia Barsa**. 1977. Rio de janeiro: Britannica Editores, 1977.

PACELLI, J. REVISTA EXAME ed. 732 ANO 35 Nº 2 24/JANEIRO/2001. p. 48-49-50.

ZANELLI, J. C. **O psicólogo nas organizações de trabalho:** formação e atividades profissionais, Florianópolis: Paralelo, 1994.

**ANEXOS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE**  
**PRODUÇÃO**

**D.D.**  
**Diretor (a)**  
**Da Escola de Ensino Básico Deputado Nilton Kucker**

Sou aluna do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de produção na Universidade Federal de Santa Catarina e professora de Língua Portuguesa, que por meio desta, venho solicitar a V.S<sup>a</sup> autorização para efetivar pesquisa de campo com as profissionais professoras inseridas na educação.

Certa de poder contar com sua prestimosa colaboração, meus agradecimentos. No aguardo de seu deferimento.

Atenciosamente,

---

Neuza Marconato  
Pesquisadora

Itajaí (SC), abril de 2001.

---

Prof. Dr. Francisco A. P. Fialho (Orientador)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE  
PRODUÇÃO**

**TERMO DE COMPROMISSO ÉTICO**

Eu, \_\_\_\_\_ autorizo, a pesquisadora Neuza Marconato a entrevistar as profissionais pertencentes ao corpo docente, técnico e administrativo da Escola de Ensino Básico “Deputado Nilton Kucker”, Itajaí (SC), gravar e filmar informações com as profissionais e utilizar falas/imagens na dissertação de mestrado e em publicações técnicas, respeitando o sigilo das identidades.

Cirlei Marieta de Sena Correa  
Diretora Geral

Itajaí (SC), novembro de 2001

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE**  
**PRODUÇÃO**

**TERMO DE COMPROMISSO ÉTICO**

Eu, \_\_\_\_\_ autorizo, a pesquisadora Neuza Marconato a entrevistar as profissionais pertencentes ao corpo docente, técnico e administrativo da Escola de Ensino Básico “Deputado Nilton Kucker”, Itajaí (SC), gravar e filmar informações com as profissionais e utilizar falas/imagens na dissertação de mestrado e em publicações técnicas, respeitando o sigilo das identidades.

Zenaide Beber Campestrini  
Diretora Pedagógica

Itajaí (SC), novembro de 2001



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**

**ENTREVISTA**

**QUALIDADE DE VIDA DA PROFISSIONAL MULHER  
INSERIDA NA EDUCAÇÃO FORMAL.**

**DADOS GERAIS DA ENTREVISTADA:**

**IDADE\_\_\_\_\_TEMPO DE SERVIÇO NO MAGISTÉRIO\_\_\_\_\_CARGA**

**HORÁRIA DE TRABALHO NO MAGISTÉRIO\_\_\_\_\_HORAS**

**NÍVEL DE FORMAÇÃO:\_\_\_\_\_**

**DA INDIVIDUALIDADE**

1. Por que você optou por desempenhar sua profissão na área do magistério?
2. Para atender as demandas de mercado a profissional necessita de atualização continuada. Como você organiza seu tempo para estar em constante aperfeiçoamento?
3. Os contratempos da vida pós-moderna levam muitas pessoas a se estressarem facilmente. O que você entende por stress?
4. Estando você estressada como gerencia as questões:
  - 4.1 Individuais:
  - 4.2 Do trabalho:
  - 4.3 Da família:
5. De que forma você concilia seu desempenho profissional com sua vida familiar?
6. Ser mãe, esposa, professora, são algumas das atividades que a mulher desempenha. De que forma você se organiza para conciliar estas múltiplas funções?
7. De que maneira a afetividade interfere no exercício da docência?
8. Como a saída da mulher para o trabalho, no horário noturno, interfere na qualidade de vida conjugal e familiar?
9. No que se refere as questões de afetividade, como você se relaciona com:
  - a. Seu cônjuge:  
Seus familiares:
  - Seus alunos:
  - Os pais dos seus alunos:
  - O corpo administrativo da instituição de ensino:
  - O corpo técnico da instituição de ensino:
  - Os docentes de sua instituição de ensino:

Os demais funcionários da instituição de ensino:

10. Você já traçou metas para sua vida quando terminar seu efetivo exercício docente (se aposentar)?

## **DO PROFISSIONALISMO**

11. Existe diferença entre vocação e profissão. Que paralelo você faria para distinguir o significado dos dois termos no que concerne a docência?

12. No período tecnicista, com o advento da produção em massa, o mercado abriu espaço para a mulher. De que forma você se inseriu profissionalmente neste mercado.

13. Como se insere a profissional da educação frente as transformações ocorridas no mercado globalizado?

14. Os cenários da sociedade moderna apresentam a mulher no ranking das lideranças mundiais no mercado de trabalho. Qual a leitura que você faz mediante este quadro social?

15. A profissão docente exige qualificação, dedicação e compromisso efetivo. De que tempo você dispõe para o lazer como uma necessidade básica de melhoria de seu trabalho e de qualidade de vida?

16. Até que ponto as diferentes opções profissionais (tipo de profissão) entre o casal resultam positiva ou negativamente na qualidade de vida profissional da mulher?

## **DO SOCIAL**

17. Os sistemas político e religioso interferiram diretamente na independência profissional da mulher. Qual sua posição referente as interferências e pressões que a igreja católica e o sistema político brasileiro ocasionaram no desempenho docente?

18. Que aspectos transformam a qualificação da mulher inserida na educação?

19. Como a mulher utiliza as modernas tecnologias em sua prática pedagógica?

20. Qual sua percepção frente a discriminação feminina provocada pela globalização da economia?

21. Na era do conhecimento, como a mulher está desempenhando seu papel neste milênio?

Neuza Marconato  
Pesquisadora da UFSC